

ASSIGNATURAS  
 ANNO..... 20\$000  
 SEMESTRE.. .. 12\$000  
 ---  
 Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escritorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 ---  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Anda alguma coisa no ar. Esta fórmula de desconfiança é velha, tem vetustas raizes na gyria politica, mas não deixa de ser verdadeira neste momento de preocupações pela intervenção do azar, do inesperado, do absurdo, no processo da successão presidencial, da reconstituição do Congresso, que será ainda obra do honrado sr. Rodrigues Alves.

Não rufila nos olhos dos proceres da colligação, victoriosa sem combate, o esplendor da certeza do futuro, nem se dilatam os seus labios na expansão de almas satisfeitas. Os seus olhares soffrem pungentes eclipses pelas passageiras sombras de desconfiança; os seus sorrisos se desmancham em synopes de tristeza. Os narizes aspiram emanções estranhas saturando a atmospheria agitada pelos germens de perturbações incubadas, provocando o attricto de moleculas a gerarem tempestades nas profundezas infinitas do espaço.

Como o gado presente o ozona, aspirando, a longos haustos, o ar electrisado, os politicos profissionaes adquiriram o sentido especial de farejarem as tramoias, as armadilhas fraudulentas, as arapucas astuciosas dos adversarios mais falaciosos, mais temiveis e mais perigosos — os amigos feitos rapidamente, amigos sem convicção, sem sinceridade, capazes das defecções repentinas, sem causa, sem justificação, sem remorso.

Corre, com todos os sinêtes da verdade, que a maioria dos signatarios do manifesto da colligação estava resolvida, — depois da leitura da famosa *varia*, mandada pelo sr. Seabra ao *Jornal do Commercio*, — a retirar as suas assignaturas, lançadas num momento de irreflexão, quando o sympathico sr. Carlos Peixoto, *leader* não se sabe de quem, annuncion á Camara absor-ta, sacudida por uma forte surpresa

consoladora, que o presidente da Republica renegava a intimação forjada no Cattete, num conciliabulo, em que se deliberára clarear a situação com uma demonstração decisiva, condensada na fórmula evangelica: quem não é por nós é contra nós ou, nos termos authenticos: quem assignar o manifesto é nosso adversario.

Si algumas linhas, com o carimbo official do seu portador, ratificadas pela auctoridade do *Jornal do Commercio*, puzeram em alarma, infligiram um arranco de panico ás fileiras dos adherentes, si essas linhas faticadas produziram um estupendo effeito dissolvente das convicções ainda quentes de entusiasmo, é de suspeitar a consequencia funesta de uma subita mudança da attitude passiva do governo em aspecto aggressivo, decidindo-se a ferir a campanha da renovação da Camara e do terço do Senado.

Os domadores se assustam quando os leões domesticados, obedientes ao seu clicote, entram a agitar com paciencia, em movimentos quasi imperceptiveis, a ponta da cauda. Os vencedores colligados desconfiaram da facil submissão do leão e estão percebendo, agóra, que elle sacode o floco assanhado da cauda e arripia a juba, sem abandonar a postura quieta, mansuosa, do felino preparando o salto terrivel.

Elles farejam precavidos os menores indicios; procuram verificar porque o sr. Rodrigues Alves renegou a *varia* do ministro Seabra, porque lhe sonegou a demissão solicitada num legitimo assomo de lealdade traída, porque o decidiu com abraços e blandicias a continuar sob o jugo de uma pasta, transformada em cruz, porque infligiu a esse mesmo ministro a surpresa de encontrar lavrado, na secretaria da presidencia, o decreto de nomeação do dr. Guimarães Natal para ministro do Supremo Tribunal Federal; porque, emfim, remetteu o seu magnifico auxiliar, cujos defeitos capitaes eram uma

actividade sem par, uma dedicação incondicional e uma lealdade integra ao chefe do governo, ás aguas, como si o mandasse ás favas, para attennar a situação impossivel em que o collocára com essa alternativa de amplexos e pancadas, de beijos e dentadas.

Sem comparar os editoriaes do *Paiz* á cauda do leão, os proceres da colligação vêem que aquelle eminente orgão da imprensa, honrado com as confidencias do governo, orgão que não disfarça o seu character de officioso franco, está dirigindo as suas formidaveis granadas, em longas parabolás, para os campos das victorias, malsiando o seu candidato e cavando incompatibilidades entre os srs. Affonso Penna e Nilo Peçanha, deseguaes pelas origens, pelos precedentes, pelas idéas.

Essas demonstrações da formidavel artilharia do *Paiz*, de mira propositadamente elevada de mais, poderão passar de tiros perdidos, inoffensivos, a tiro de pontaria certa de um inicio de hostilidades que produzirão, em mais larga escala, o effeito da debandada que o simples traque japonéz da famosa *varia* esteve a pique de precipitar num medonho *salve-se quem puder*.

Além desses signaes justificativos de sombrias apprehensões, outros não menos expressivos confirmam que anda uma coisa no ar ou que o ambiente cheira a sangue real, como diziam os gigantes autropophagos nos contos da carochinha.

O deputado Thomaz Accioly, que é a modesta violeta do ramo da olygarchia cearense, deu para frequentar assiduamente o palacio do Cattete. As horas vagas do seu tempo, consagrado ás funcções de legislador operoso, embuçado num fecundo silencio de ouro, são dedicadas a confabulações com o arbitro supremo dos destinos da nação e das eleições. Ora, toda a gente sabe que o commendador dos crentes acciolynos, o Mafoma das brancas areias cearenses, participa da natureza

de certas plantas, tão sensíveis, que indicam, precisamente, o estado da atmospheria ou o centro de attracção.

Passou por phantasia de poeta a allusão, feita por Longfellow, no doce poema *Evangeline*, á flôr bussola, que é hoje uma verdade scientifica demonstrada pelos naturalistas, o americano Smith e o inglez Joseph Hooker. Essa flôr curiosa e scientificamente denominada *silphium lacinatedum*, cujas petalas verticaes, amarellas, como um feixe de raios do sol, se orientam, exactamente como agulhas de bussola, sobretudo quando a planta é jovem, para o fóco magnetico da Terra, servindo de guia seguro aos vapores extraviados, é um symbolo.

Como legitimo e viçoso rebento do seu augusto pae, dominado pela attracção irresistivel dos governos, quaesquer que elles sejam, o tímido deputado cearense é o *silphium lacinatedum*, attraído para o pólo da politica, indicando que, apezar da força apparente da colligação, das adhesões precipitadas, em massa, por ella provocadas, o Cattete continúa a ser o centro de attracção, o fóco do poder.

O grão duque Accioly e todos os seus principes, toda a sua dynastia immensa estariam apedrejando com o seu desprezo o sr. Rodrigues Alves, si não presentissem algo no ar, si não farejassem as estranhas emanações de uma actividade aggressiva, agitando-se sob a calma apparente do pantano.

Outro indicio não menos sensacional foi a sarabanda do ameno general Pires Ferreira nas olygarchias estadoaes, dando-lhes cutiladas crueis com a espada, havia muito adormecida na pacata bainha. Essa quebra de um prolongado repouso não foi promovida por um accesso de neurasthenia: o general é um homem que sabe onde as andorinhas dormem, conhece todas as manhas da politica, as feitiçarias do officio e não daria esse passo arriscado, si lhe não roncassem no atilado ouvido o rumor de perturbação imminente. E' bem possivel, entretanto, que a attitude do general dos burytisaes do Piauhy seja um indicio contrario, indicando estar como idéa capital do programma do sr. Affonso Penna dar para baixo, rijo e forte, nas olygarchias que estão anquilosando a Republica,

deformando-a num regimen de dictaduras, de uma indecencia repugnante.

\*  
\* \*

Seja como fôr, anda alguma coisa no ar. Os chefes da colligação conhecem a situação e se mantêm, numa discreta reserva, de armas engatilhadas. Elles bem sabem que commandam uma legião de ambiciosos sem fé, sem crenças, sem convicções, capazes de todas as iniquidades, de todas as torpezas, de todas as trações, para se manterem de fociulhos atolados na gamella das comedias saborosas.

POJUCAN.

## A AMERICA LATINA

Eu imagino que quantos vamos á Europa conhecemos o sentimento que deu origem ao ultimo livro do dr. Manoel Bomfim, *A America Latina*; escrevendo-o, elle realisou uma aspiração que terá sido por força a de muitos.

Por mais bem informados que estivessemos sobre o que se pensa de nós no estrangeiro, não podiamos nol-o figurar a nós mesmos tal qual como é, antes de sairmos daqui. Outra coisa ainda mais impossivel era calcularmos que impressão o facto nos produz fóra do paiz.

A ignorancia do estrangeiro a nosso respeito até pasmo nos causa. Parte porque ella é muito grande, na verdade, bem maior do que os mesmos interesses delles estão pedindo, parte por esta tendencia tão natural no espirito de estranharmos a ignorancia e sobretudo a despreoccupação alheia pelas coisas a que ligamos extraordinaria importancia.

A esse pasmo segue-se uma maior ou menor depressão moral.

Ignorancia nem sempre significa falta de noções. Todos temos noções sobre tudo; a differença é que uns as tem mais certas do que outros. Assim, a Europa não desconhece que a America do Sul existe. A opinião publica europeia sabe mais, como diz o dr. Bomfim logo no começo do seu livro: «Sabe que a America Latina é um pedaço de continente muito extenso, povoado por gentes hespanholas, continente riquissimo e cujas populações revoltam-se frequentemente».

Isto e outras coisas ainda. Quasi sempre noções acima mesmo ou pelo menos, fóra da realidade em tudo quanto se refere á natureza, mas muito tristes, muito aborrecidas e tantas vezes odiosamente injustas sobre tudo o que se refere ao homem que habita

este sólo e o que defende ou resulta de sua acção.

E' o pezo dessa injustiça, que então sentimos como nunca, o que nos causa a depressão de que eu falo.

Mesmo porque rapidamente nos apercebemos das consequencias desagradaveis, não raro mesmo fortemente prejudiciaes, que desses conceitos nos resultam enquanto alli viajamos. O desprestigio dos povos a que pertencemos reflecte-se inevitavelmente sobre nós, difficulta-nos os passos, desde que precisemos sair da esphera dos viajantes inteiramente anonymos, das relações consistentes em troca de dinheiro por mercadoria ou pelo direito de transporte e hospedagem. Ha coisas mesmo que, só pelo facto de sermos americanos do sul, naquelles meios não podemos realisar.

Impressionados assim com o nosso caso pessoal, tudo nos leva a generalisações correlativas. E' então que temos um sentimento vivo da nossa situação como povo no mundo. Si somos bastante fortes para continuarmos a ser justos, é encontrando-nos com a civilização do velho mundo, de que derivamos, que podemos comparar e ver o que nos falta, verificar até que ponto ha razão contra nós. Mas, por isso mesmo, os nossos sentimentos patrioticos e até contiuntaes avivam-se e vibram como nunca. Tanto mais que no correr desse estudo verificamos que parte de injustiça ha no conceito do europeu a nosso respeito, já por falta de noções exactas, de toda especie, já por uma natural confusão das coisas, pela incapacidade que arraigados preconceitos vão creando no espirito dos velhos povos, como no dos homens valetudinarios, para julgarem de valores novos.

Esses inconvenientes da fama deploravel que as nossas terras ganharam na opinião estrangeira, experimentados assim pessoalmente, levam-nos a pensar na desvantagem e no perigo que dahi nos provém, como collectividades.

Quem quer que se tenha demorado na Europa de modo que pudesse aproveitar as oportunidades, aliás não raras, para assistir em flagrante á expansão dos sentimentos daquelles povos em relação a nós, não tem mais o direito de duvidar sobre isto. Principalmente as grandes potencias, as que hoje estão na altura de ambicionar e de estabelecer correntes de opinião de accordo com os seus interesses ou o que tal se lhes affigura: essas, todas ellas, nos tem como radicalmente incapazes de chegar a um estado de organização propriamente dita.

Aos seus olhos, somos os detentores casuaes de uma parte do mundo riquissima, mas cuja posse definitiva de modo algum merecemos. Para elles, é questão de tempo: as raças que hoje

povoam este lado do continente serão substituidas pelos seus, de todo ponto superiores a nós. Nada lhes parece mais justo e mais certo. «E' lastimavel, dizem elles, como cita o auctor da *America Latina*, que emquanto a Europa, sabia, civilisada e rica, se contorce comprimida nestas terras estreitas, alguns milhões de prugniosos, mestiços degenerados, bulhentos e barbaros, se digam senhores de immensos e ricos territorios, dando-se ao rastaquerismo de se considerarem nações.»

Embora de ha muito o auctor pensasse em realisar qualquer obra no genero da *America Latina* e para isso tivesse accumulado materiaes longamente, a causa occasional deste seu livro foi uma viagem que elle fez ultimamente á Europa. «Chegando aqui, (é elle mesmo quem o declara no seu prólogo, que datou de Pariz,) não só a natural saudade daquelles céos americanos, como a apreciação directa dessa reputação perversamente malevola de que é victima a America do Sul, provocaram a reacção affectiva que se tradúz na publicação destas paginas. Fóra dali ellas não viriam talvez á luz.»

Este livro é antes de tudo uma resposta ao conceito do estrangeiro sobre nós. Realmente já é mais do que tempo de tratarmos, por todos os meios, de corrigir a injustiça que esse conceito representa.

Livrar os individuos como os povos que a primeira idéa formulada a seu respeito venha a ser, pelo conjuncto das circumstancias, uma idéa infeliz. Porque esse juizo inicial será o preconceito do futuro. Corrijam-no como quizerem: delle sempre restará alguma coisa.

Mas peor um pouco si se deixam correr as coisas á inteira revelia.

O livro do dr. Manoel Bomfim não é, de certo, uma apologia systematica do sul-americano e da sua obra, muito pelo contrario; rebatendo o que ha de ridiculamente falso no que pensa o estrangeiro sobre nós, elle reconhece, mesmo com severidade algo demasiada, a parte de verdade que existe nesse conceito.

«Os povos sul-americanos, escreve, por exemplo, o dr. Bomfim, se apresentam hoje num estado que mal lhes dá direito a serem considerados povos civilisados. Em quasi todos elles, em muitos do Brazil inclusive, a situação é verdadeiramente lastimavel. Sofremos todos os males, desvantagens e onus fataes ás sociedades cultas, sem fruirmos quasi nenhum dos beneficios com que o progresso tem suavizado a vida humana. Da civilisação só possuímos os encargos: nem paz, nem ordem, nem garantias publicas; nem justiça, nem sciencia, nem conforto, nem hygiene; nem cultura, nem in-

strucção, nem gozos estheticos, nem riqueza; nem trabalho organizado, nem habito de trabalho livre muita vez, nem mesmo possibilidade de trabalhar; nem actividade social, nem instituições de verdadeira solidariedade e cooperação, nem idéaes, nem glorias, nem belleza.»

Não se póde dizer com mais severidade, é difficil dizer mesmo com maior pessimismo, das coisas.

Mas então em que é que o estrangeiro pensa mal de nós injustamente?

Acha o nosso sympathico contemporaneo que o maior erro desses nossos julgadores está em nos attribuirem uma obra que não é propriamente nossa e em decidirem da nossa capacidade á vista do que até hoje aqui se tem feito.

Dois terços do livro são empregados em demonstrar a verdade disso.

A America do Sul foi victima, e tem sido até hoje em certa escala, do parasitismo das nações ibericas que a povoaram. E' o que pensa o dr. Bomfim. Ainda agóra, perduram as consequencias desse mal.

Fôram os descobrimentos que determinaram a mudança de habito nesses povos ou antes a possibilidade para elles de seguirem a inclinação que, desde quando se organisavam, já tinham revelado nas razzias contra a mourama. De raça forte, productora, que havia sido a gente da Iberia, pouco a pouco se foi transformando num *chondracanthus* colossal.

Um dos fins mais tangiveis que ha neste livro, fóra da idéa patriotica que o inspirou, é o de ficar formulada nas suas paginas uma theoria que sorri particularmente ao auctor, a da razão principal, d'«a causa organica» da decadencia dos povos, que ao ver do notavel escriptor vem sempre do facto delles se transformarem, povos productores que eram, em povos caracteristicamente parasitas. «E' assim, diz elle, que a Assyria, o Egypto, Persia, India, Grecia, Roma... fôram abattidas.»

Não é este o momento para quem deseja principalmente dar noticia sobre um livro o de pôr em discussão essa these, contestavel como todas as theses sempre hão de ser.

Essa e a outra de que falamos anteriormente: a de que os males com que lucha a America do Sul hoje em dia provém principalmente do parasitismo dos paizes de que fomos colonia.

Sempre direi, no emtanto: eu não sou dos que systematicamente condemnamos os colonisadores que teve o Brazil. Elles mostram defeitos e qualidades, das quaes a que é não só a mais sympathica aos nossos olhos, como talvez a de mais alcance no futuro, a de se revelarem os mais brandos para com as raças inferiores do indio e do

negro, comparados com outros colonisadores.

Todo esse longo trabalho a que se dá o auctor da *America Latina* tende a um fim: o de demonstrar aos povos civilisados que o seu dever para connosco, ditado pela mais legitima equidade, é desarmarem-se de toda a malevolencia que nutrem a nosso respeito e confiarem na nossa capacidade para evoluir, que cedo ou tarde ficará demonstrada. Isso quando pudermos nos libertar das peias de um conservatismo ferrenho, herdado das raças que colonisaram este lado da America e, em parte, ainda exercitado pelos representantes dessas ditas raças, que logram, mesmo agóra, um largo predomínio aqui.

Felizmente entre as paginas deste mesmo livro encontramos algumas em que se procura demonstrar que, máu grado o nosso atrazo, mesmo que as raças conquistadoras de hoje tentassem sériamente um assalto militar á America do Sul para varrer-nos daqui como poeiras maleficas, arriscavam-se, no fim de contas, a uma amarga decepção.

Ao meu ver, o mais pratico, em vez de appellos puramente sentimentaes, é irmos tratando de fornecer á Europa os elementos necessarios para despertar na opinião dos seus povos um vivo e justo sentimento dos precalços que esperam o estrangeiro que venha fazer-nos a guerra.

Infelizmente o nosso gráu de civilisação não é de modo algum para inspirar-nos orgulho. Mas o facto é que já nos achamos bem mais adeantados do que lá fóra se julga e que esse adeantamento se tradúz por uma capacidade defensiva que será louco quem pretenda desprezar.

Além disso, aqui na America do Sul não é apenas com o musculo do soldado que se faz a guerra. Em todas as nossas luctas com o invasor, tivemos e teremos como alliada natural esta natureza feraz, fertil em emboscadas e precipicios, na vastidão dos nossos horizontes, os quaes, antes de serem dominados, matam de canção e de desespero o inimigo, o mais audacioso e pertinaz.

A tudo isto allude intelligentemente o auctor do livro honesto de que venho falando.

Não nos enganemos. Por maiores que sejam os nossos esforços, durante muito tempo ainda o nosso caminhar terá de ser leuto nesta parte da America, comparado com o das nações de primeira plana.

Para mim, a razão principal está no gráu de evolução em que se achavam as raças do africano e do aborigene que se incorporaram, em grande proporção, á massa que constitúe a nossa população actual. Eu não sou dos que negam a capacidade de progresso



nessas raças, tidas hoje, em geral, como absolutamente inferiores; mas não reconhecer a lentidão com que ellas caminhavam em comparação com as raças brancas, é negar a propria evidencia, parece.

A nossa situação, porém, de detentores do sólo, e além disso as complicações que todos os dias se vão produzindo na politica mundial, de modo a inibir os povos conquistadores actuaes de se voltarem exclusivamente para este lado do mundo sem outras preocupações, taes circumstancias são para inspirar-nos uma seria esperanza de podermos chegar a um estado de legitima organização ainda a tempo. Salvos da conquista e da dissolução, certo que um dia havemos de ser grandes e gloriosos como os maiores povos da Terra.

Imprudentes, no entanto, nos mostraríamos si fôssemos a confiar unicamente na força das circumstancias. Todos os males pódem advir ao fraco. Numa curva da historia dar-se-á, quem sabe, que os elementos se combinem por modo tão desfavoravel a nós, que fiquemos rigorosa e exclusivamente adstrictos aos nossos proprios recursos. Convém aperfeiçoal-os, alargal-os, multiplical-os o menos lentamente que esteja em nós.

Para isso, que é preciso fazer?

O dr. Manoel Bomfim, estudando o problema por differentes faces, acha que se deve principiar pela instrucção popular, pelo preparo das populações. E' uma conclusão natural em quem, por profissão, do que cuida principalmente é do ensino; elle póde ver melhor do que ninguém o que a esse respeito nos falta.

E' claro, penso eu, que é preciso valorisar as nossas forças tornando-as forças vivas, intelligentes, pela cultura, mas ao mesmo tempo voltar-nos para todos os lados, na proporção dos nossos recursos e da nossa energia: povoar, plantar, abrir caminhos, fomentar industrias, construir cidades decentes e sãs, instruir, armar, proteger nossas costas, disciplinar-nos, estabelecer entre nós a justiça, tornar um facto a liberdade como deve ser entendida, produzir, estimular-nos entre nós, mostrar, numa palavra, que somos povos que merecem viver e que estão aptos a defender-se, mesmo, si tanto fôr necessario, a aggreder.

As paginas da *America Latina* fôram daquellas que até agóra mais prazer me teem dado ao voltar ao meu paiz. Ellas fôrman um livro honesto, corajoso, inspirado pelo sentimento mais nobre. Lê-las é respirar numa atmospheria confortante, porque nellas nos encontramos com uma força das mais intelligentes entre as que modernamente aqui teem surgido, e tanto mais valiosa quanto ella se apoia num estudo aturado, e orienta-se principal-

mente para o lado do problema mais palpitante e mais serio que ora se offerece aos filhos desta parte do continente.

NESTOR VICTOR.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*Ainda de Mocoretá ao Passo da Patria — Cavallaria a pé — A causa da guerra não ter terminado a 24 de maio*

No exercito do legendario Osorio contava-se muito com a natureza e nunca se distribuiu forragem; os animaes, vivendo do que lhes davam os raspados campos alagados, enfraqueciam a olhos vistos e iam ficando pelo caminho. Quando invadimos o Paraguay, a maior parte dos nossos corpos de cavallaria estava a pé; e dos poucos montados, a cavallada deixava muito a desejar. Foi sómente depois que Caxias tomou o commando do exercito, que começou a remonta a fazer-se systematicamente a par do aprovisionamento de forragens, que consistia em alfafa e milho. Desde então, a nossa valente cavallaria ficou apta a praticar os altos feitos, que a immortalisaram. Circumstancias, na apparencia insignificantes, teem, não raro, poderosa influencia sobre acontecimentos de grande monta, que decidem, ás vezes, até dos destinos dos povos e da civilização. Assim, o voto de desempate de Callimacho, polemarcho de Athenas, antes da batalha de Marathona, assegurou a hegemonia da civilização occidental, e os mimosos pés da bella Arletta, lobrigados por um duque de Normandia, fizeram o Imperio britanico. A falta de forragem á nossa cavallaria talvez tivesse sido a causa efficiente de não ter terminado a guerra em 24 de maio de 1866.

O meu reiúno *azulego* um dia afrouxon; e fiquei na rectaguarda com a cauda dos retardarios. Cheguei ao acampamento a pé, puchando-o pela arreata, fatigado porque elle não cabresteava bem e molhiado até aos peitos pela agua dos banhados cheios que passei. Apezar de tudo, dava graças a Deus, porque me tinha livrado de marchar com os arreios ás costas, como succedia a tantos outros. Si eu não era então, no rigor da expressão, um cavalleiro de triste figura, tão pouco merecia ser tratado por figura risonha.

O velho Mallet, que passeiava pela frente da sua barraca e zangado ameaçava *costear* o cabo Jardim, ferreiro do regimento, com uma semana de *marche-marche*, viu-me e mandou chamar-me pela ordenança. Naquella epocha, não me tinha affeito ainda á arte de *calcare viam*, em que depois me tornei muito pratico como official

de infantaria. A mais de um, em outros dias, acontecera o mesmo desastre; mas tiveram a sorte de não ser bispados pelos grandes olhos do commandante. E' que aquelle dia tinha raiado aziágo para mim: os meus cothurnos amanlieceram encharcados e o assucar com que adoçava o matte virou agua na marmíta. Tinha os pés muito doloridos e approximei-me, meio tropego, do respeitavel velho, que eu muito estimava, não só pela idade, como pela sua grande bondade, que fez de todos os seus commandados dedicados amigos. Profilei-me o melhor que pude.

— Porque chegou agóra?

— Porque o cavallo cansou.

— A culpa foi sua, sr. cadête, porque andou vadiando, galopando fóra do seu logar.

O velho, que prescrutava tudo, vin-me a galope para alcançar o regimento, depois que me deixei ficar atrás para conversar com uns amigos.

Prendeu-me e deu ordem para recolher-me á guarda de frente. Era a minha primeira prisão. A segunda foi no Tuyuty, por ter mandado atacar uma força paraguaya, que appareceu deante da minha linha. A terceira, já era capitão, em 1872, na Escola Militar, por ter á frente da 1ª companhia, de alumnos errado de *proposito* uma manobra e desobedecido com *estandalo* ao superior de dia. Todas tres ficaram sem effeito immediatamente e a minha fé de officio ficou, felizmente, limpa.

Quando recebi a ordem de prisão, uma onda de sangue subiu-me ás faces. Senti-me humilhado deante daquelle homem veneravel, mas me parecia que o castigo era demasiado severo para uma falta tão leve que eu commettera por descuido. Quando dei meia volta para retirar-me, lagrimas saltaram-me dos olhos. Não sei si o bom velho as viu, porque procurei occultal-as. Antes de armar a minha barraquinha na guarda da frente do regimento, elle mandou ficar sem effeito a prisão. Fui apresentar-me e agradecer-lhe, e ouvi, nessa occasião, conselhos paternaes e um bom sermão.

Após umas duas semanas, si bem me recordo, consumidas em penosissimas marchas, chegámos á villa Mercedes, actualmente uma das mais prosperas cidades da provincia de Corrientes. Os dias que nos demorámos ficaram gravados na memoria dos que allí estiveram, como periodo triste de angustiosas recordações. As chuvas torrencias, longe de pararem, caíam cada vez mais copiosas, molhando tudo, apodrecendo as barracas, adoecendo a gente e transformando o campo num lamaçal immenso que cada vez atolava mais pelo transito incessante de infantes, cavalleiros, cargueiros e vehiculos de todo o genero,

— extenso barral onde enterravamos as pernas até aos joelhos e além.

A pouca lenha que tínhamos estava molhada até á medulla dos páus e não pegava fogo sinão depois de larga lucta, em que acabavam por triumphar a constancia e a habilidade do soldado, que saía extenuado de soprar e com os olhos ardendo, inflammados de tanto banho de fumaça caustica.

As carretas do commercio não chegavam; tinham ficado atoladas nos banhados ou nos passos dos arroios. Por isso, os que tinham alguns cobres para os extraordinarios, que custavam aliás preços *klondiklanos*, ficaram privados de tomar a sua *jacuba* ou matte doce, com *pan caliente que quebrava los dientes*, segundo mercavam, por pilheria, os *panaderos*.

Um dia, acordei febril com a bocca muito amarga. O meu amigo Alexandre Bayma, com quem me dava muito, desde que foi discipulo de meu pae na Faculdade de Medicina da Bahia, morava perto do nosso acampamento. Embuçado no meu ponche e descalço, fui consultal-o. Achei-o acomodado dentro de um couro molhado que não exalava bom cheiro e cujas beiras estavam levantadas mais de um palmo para que a agua não entrasse.

— Como vâes lá pelo teu acampamento com esta chuva?

— Bem, mas não tanto como você, que está embarcado nesta *pelota*. Sinto-me um pouco doente e vim pedir-lhe um remedio.

Viu-me a lingua—estava saburrosa. Tomou-me o pulso—tinha febre.

—Porque não me mandaste chamar? Isto é uma imprudencia.

— A vida é esta, amigo Bayma; devemos conformar-nos.

Chamou um cabo enfermeiro e mandou dar-me uma dôse de sal amargo. No dia seguinte, eu estava lepido, prompto para outra.

Chegavam as forças, que haviam estado em Uruguayana. Villa Mercedes foi um ponto de concentração. Repurcutia em nossas fleiras a fama do tenente Floriano Peixoto, que mandára um vapor no rio Uruguay e impedira a junção das forças do major Duarte e coronel Estigarribia, que operavam em margens oppostas, facilitando a derrota do primeiro e a rendição do segundo.

Naquelle tempo, eu já gostava do Floriano. Era um rapaz desempenado, dos melhores jogadores de esgrima de bayoneta, excellent designer, a ponto de ser citada a sua estampa da ilha de Porquerolles como um primor, insuperavel num *rôlo*, forte, agil e destemido. Entre os collegas passava por *caboclo muito mitrado*. Quando soube que elle havia chegado, fui visital-o e dar-lhe os meus sinceros parabens pelo brilhante papel, que acabava de representar. Agradeceu-me com a modestia

que o caracterisava e, como nenhum de nós era loquaz, conversámos pouco. Aprazia-me olhar para aquelle jovem official, que já tinha prestado á nossa patria serviços de tão alta relevancia. A sua bella carreira confirmon as esperanças dos seus amigos. Floriano, em Uruguayana, como tenente commandando um vapor; em Tuyuty, como capitão do batalhão de engenheiros; no Tayi e no Timbó como major no 25º de Voluntarios e no Aquidaban como commandante do 9º de linha, foi o mesmo soldado, calmo nas mais violentas refrégas, arrostando a morte com a indifferença de um tupy e a bravura de um portuguez. Inconscientemente, era um *meneur immediato* que fascinava, sem brilhantes dotes suggestivos os que o rodeavam, *amorphos* e *instaveis*, até aos ultimos tempos da sua vida, em que no fastigio do poder, se revelou o mesmo Floriano, calmo, bravo, prudente, frio, cauto, previdente e desconfiado, conquistando dedicações até ao fanatismo e despertando odios terriveis.

Despedi-me d'elle, certo que iria longe. Antes de sair, brindou-me com um trago de um licôr, cuja garrafa tinha um rotulo muito enfeitado, em que se lia:

«Para no llegar á viejo  
Que remedio me darás?  
Toma licôr de Cominillo  
Y siempre mozo serás.»

Tomei um gôle só, porque nunca fui afeiçãoado a essas libações e elle, passando o dedo index da mão direita pela ponta do nariz, disse, meio sorrindo:

—Eu tambem não gosto, nem creio nessas virtudes, mas tomo um pouco de vez em quando, *por sí acaso*.

Quando o máu tempo amainou, levantámos os nossos arraiaes e proseguimos na marcha, conduzindo muitos doentes. Eram numerosas as baixas do exercito alliado e variado o quadro nosologico.

Por esse tempo, recebeu o regimento um contingente de recrutas do Rio Grande. Eram quasi todos mestiços de indio e branco, bonitos, fortes e moços. Melhores cavalleiros, mais guapos e elegantes sobre os arreios não era possivel encontrar. Entre elles, havia um, o Antonio Chirú, a quem coube um pôtro *zaino*, grande, delgado, crinito, de uma cavallhada nova. Parecia um animal feróz. Para sellal-o foi preciso vender-lhe os olhos com um ponche e sujeital-o com força, passando-lhe um *pé de amigo*. Concluida a operação, o jovem soldado, que estava de calças arregaçadas, em mangas de camisa, com um lenço vermelho atado á cabeça com as pontas caídas para trás, tendo na mão direita um *rebenque* curto de *açouteira* larga, colheu com a esquerda

em voltas o maneador e, empunhando as fortes redeas, saltou sobre o lombillo. Uns quatro gaúchos sujeitavam o cavallo. Tiraram-lhe a venda e o rapaz gritou:

—Largue, deixe que vá!

Ouvimos um berro e a cabeça unirse entre as mãos daquelle animal furioso, que se lançou para a frente dando saltos medonhos. Agachava-se rapido, como si fôsse pranchear-se e dava *priscos* formidaveis para a direita e para a esquerda. Nunca vi *velhaquear* como aquelle *zaino*. O *gaúchito* brincava sobre elle, levantava as pernas, como si estivesse numa gangorra, olhava para os lados e virava-se para a garupa sem dar importancia áquelles *corcóvos* desencontrados. Parecia estar pregado no lombillo. De vez em quando, dava um forte *rebencaço* ou, inclinando-se sobre o pescoço, *tapeava* o pôtro nos canillos. De repente, partiu como uma flecha campo afóra e em pouco tempo voltava ao tróte, batendo o *isqueiro* para accender um cigarro, que tinha preparado na galopada.

Passados alguns dias, fui acompanhar ao hospital alguns doentes do regimento e vi o Antonio Chirú, com outros, dentro duma carreta coberta de couro, deitados sobre pellegos de carneiro, manchados de pús varioloso. Estava disforme, desfigurado, o rosto enormemente inchado e cheio de pustulas denegridas, que exalavam um cheiro insuportavel. Perguntei-lhe como estava; respondeu em voz muito rouca: melhor. Havia um delles que delirava. Dois dias depois, enterraram-no naquelle deserto, e todos os companheiros da carreta seguiram-no na viagem derradeira.

Era triste a sorte do nosso soldado, naquella travessia, quando baixava doente ao hospital. Nas marchas seguintes que faziamos através de campos alagados, passando banhados immensos, vadeando arroios cheios, e batidos por chuvas incessantes, que commodidades podiam ter os pobres enfermos? Mil vezes as refrégas mortiferas dos dias de batalha do que as agonias das enfermarias em marcha. As nossas circumstancias eram desfavoraveis e só com muita prudencia é que se poderia ter um serviço sanitario regular. Lembro-me que uma vez foi mandado inspecionar, já perto da cidade de Corrientes, o nosso hospital ambulante, o illustre dr. Luiz Alvares dos Santos, professor da Faculdade da Bahia. No relatorio que enviou ao chefe, lia-se o seguinte trecho, lembro-me bem, portador de accusações gravissimas: «E nesse zig-zag de desculpas, morre o soldado brasileiro, victima da incuria do medico e da relaxação do enfermeiro». O medico bahiano, sobre ser um poeta de altos vãos, era um grande e compassivo co-

ração. Condoeu-se dos pobres soldados e foi demasiado severo para com os seus collegas, dos quaes a maior parte bem mereceram da Patria.

DIONYSIO CERQUEIRA.

## ROOSEVELT

Os presidentes americanos,

Os presidentes brasileiros.

E' o homem mais evidente do actual momento historico, proclamado pelos povos o grande pacificador, cujo prestigio promoveu o estupendo successo da paz entre o Japão e a Russia; é o homem cuja intelligencia culta está elevando o seu paiz ao apogeu da gloria e da força, como o mais brilhante producto do progresso humano.

Sobre esse homem, em que se reúnem, numa intensidade extraordinaria, todas as qualidades de primor do cidadão e do estadista, sobre a sua vida intima deu um escriptor francez curiosas informações, insertas no ultimo numero dos *Annales*, a magnifica revista pariziense do sr. Brisson.

Th. Roosevelt é um *self made man*, experimentado em todos os estadios de uma existencia que começou nas aventuras de *cow boy* nas planicies do *Far West* e chegou á suprema magistratura da grande republica norte americana. E' tão destro em laçar um touro bravo, em domar um poltro chucro, quanto em escrever um livro, em estudar as mais transcendentales questões do governo. Enrijou as suas energias vigorosas na experiencia pessoal dos perigos, illuminou o seu espirito com a observação de todas as minucias do desenvolvimento febril de uma civilização sem precedentes na historia, estudando tudo, os campos de cultura, a arena opulenta do commercio, as regiões das letras e das artes, os campos de batalha e os prados de *sport*, assim como os recessos escusos dos laboratorios da politica universal.

E' um homem que, formado na vida intensa, vive á cata de commoções fortes, de aspectos inéditos. Emquanto acompanhava, palpitante de anciedade, soffregos pelo successo, as conferencias da paz, em que empenhára todo o seu formidavel prestigio, não pôde resistir á tentação de embar-

car no submarino *Plunger*, ancorado em Oyster Bay, no qual passou tres horas, a maior parte dellas no fundo do mar. De uma vez, o navio ficou submergido cincoenta minutos, executando todas as manobras de combate, até ficar completamente no escuro. Roosevelt, depois de se familiarisar rapidamente com o mechanismo, executou elle proprio todos os movimentos do submarino, com o maior prazer sem demonstrar o menor signal de receio. A decisão de embarcar no *Plunger* ficou em segredo mesmo para a familia do presidente, que conseguiu burlar a vigilancia do serviço da policia que o guarda em Oyster Bay. Ninguem, excepto a tripulação do *Plunger*, teve conhecimento dessa aventura até que elle voltou para o palacio.

Mas... demos a palavra ao escriptor dos *Annales*:

«De todos os presidentes que dirigiram os destinos dos Estados Unidos da America, Theodoro Roosevelt é, certamente, a personalidade que melhor corresponde ao typo, imaginado na Europa, do americano laborioso, perseverante, ousado.

Roosevelt não tem fortuna; é myope, valente andarilho, não fuma e traja com tão excessiva simplicidade, que as suas calças curtas tem sido objecto de chacota; tem, finalmente, manias curiosas.

No dia em que eu lhe apresentára um cidadão francez notavel, ancioso por ter occasião de conhecê-lo pessoalmente, deu-se um caso eugraçado. O meu amigo, temendo ser indiscreto, pediu permissão para se retirar, depois de breve entrevista. E como lhe manifestasse com voz timida esse receio, o presidente disse-lhe:

— Não se incomode; venha comigo; vamos fazer lenha.

Durante duas horas, com uma destreza admiravel, elle cortou madeira, de que fez alguns feixes muito bem arranjados, deante do visitante embacado.

A senhora Roosevelt é sempre obrigada a fazer amplas provisões para as refeições, porque jamais pôde saber quantos convidados terá á meza.

Ao toque de quatro horas, o presidente, olhando em torno de si, no seu escriptorio, nunca deixa de convidar todas as pessoas presentes para *lançarem*, e se dirigir para a meza acompanhado por ellas, sejam algumas ou uma duzia.

O *menu* é simples. O presidente gosta dos pratos de resistencia ao jantar — sopa, rosbife e sobremeza. Às vezes, ha uma *entrée*: frequentemente

pasteis de carne ou caça. Pretende elle que é mais facil conversar á meza do que no escriptorio: é por isso que convida as pessoas, com quem necessita tratar negocios publicos, a comerem com elle.

A senhora Roosevelt é uma encantadora dona de casa, de bom genio inalteravel, sempre risonha, mesmo si o marido invade a sala de jantar com uma duzia de convivas quando ella esperava apenas tres. As refeições passam na mais doce cordialidade, discutindo-se questões de caça, os cuidados com os filhos, o valor de uma obra recentemente publicada e muito pouco de politica.

Mesmo na Casa-Branca, a familia presidencial vive em pleno ar; as horas que não são consagradas aos negocios e aos estudos, são empregadas no culto dos *sports*.

Em Oyster Bay, todo o sequito do presidente se reúne, annualmente, para se deliciar com o encanto dos interminaveis passeios nos campos e nas florestas. Desde o presidente até o mais tenro bebé, todos inventam meios de ficar em casa o menor tempo possivel. Os meninos acompanham o pae nas caçadas, nas pescarias, participando as suas fadigas e perigos.

O anno passado, Roosevelt desappareceu, á tarde, com dois filhos e dois sobrinhos, sem avisar ninguem. A pequena tropa, munida de cobertores e de provisões, se embrenhára nos bosques de Long Island Sound e alli estabelecera acampamento. O presidente accendeu o fogo e preparou a comida; depois, os excursionistas, envolvidos nos seus cobertores, se estenderam no chão, com os pés para o fogo, á maneira dos indios, e ouvidas historias de caçadas, de pescarias e de guerra, adormeceram todos ao relento.

Os agentes da segurança, que velam em torno do presidente suspiraram de allivio quando o viram voltar, na manhã seguinte, com os quatro jovens companheiros, muito regosijados dessa escapada.

A senhora Roosevelt é a collaboradora infatigavel do marido a quem serviu, durante muito tempo, de secretario, quando elle não occupava ainda os altos cargos do Estado. Mãe solícita, ella superintende a educação dos seis filhos, quatro rapazes — Theodoro, Kernit, Archibald e Quintino, duas meninas — Ethel e Alice. Verdadeiro ministro do Interior, é ella quem tudo organisa em casa e não se desdenha de executar todos os serviços domesticos.

Um dos primeiros actos dessa adoraavel matrona, chegando á presidencia, foi fundar, com algumas amigas, uma especie de liga contra as prodigalidades das senhoras da alta sociedade de New York, affirmando que uma senhora não tem necessidade de gastar,



em vestidos, mais de mil e quinhentos francos por anno, e emprega toda a sua influencia moral para a victoria dessa opinião.

Quanto a miss Alice Roosevelt, nascida do primeiro matrimonio do presidente, a gravura lhe popularisou as feições, onde se admiram a energia do pae, alliada á graça feminina. Todos os americanos a conhecem, muitos viram-na passear graciosamente, acompanhada por um cão, erguida a cabeça altiva, sem aspereza, correctamente desenhada como um camaphen antigo. Uza, geralmente, um dos grandes chapéos á Rembrandt e, sob esse poetico toucado, realiza o retrato perfeito da rapariga americana — *american girl*.

Quando o principe Henrique da Prussia, grande almirante da marinha allemã, irmão do imperador Guilherme II, fez a sua viagem aos Estados Unidos, commandando uma esquadra, deram-lhe festas esplendidas. Miss Roosevelt presidiu, com uma auctoridade incomparavel, a mais importante dessas solemnidades. Com o principe serviu de madrinha de um *yacht* e passou, ao lado de sua alteza, revista á esquadra.

Desde esse dia, a filha do presidente se tornou, de alguma fórma, um personagem official. Durante a Exposição de S. Luiz, ella inaugurou, pelo menos, tantos pavilhões e congressos quantos o pae e os ministros reunidos.

Não se pôde fazer em França uma idéa precisa da recepção que lhe foi feita pela população feminina da metropole do oeste, recepção faustosa, por ventura demasiado entusiastica. Cinco mil senhoritas de S. Luiz saltaram, ao penetrar o trem a *gare*, um formidavel grito: Hurrah! miss Roosevelt!

As manifestações não ficaram nisso. A filha do presidente foi assaltada pelas ardentes *relic-hunters* — caçadoras de reliquias—e num abrir e fechar d'olhos, apesar da intervenção da policia, ella viu a sua *bôa* de pennas pelada pelas suas admiradoras. Tiveram a mesma sorte as flôres do chapéo. Mãos desvairadas lhe atacavam já o corpete do vestido, quando um reforço de agentes de policia libertou a desafortunada triumphadora das garas daquella multidão de saias.

De resto, Alice Roosevelt foi talhada para resistir a esses assaltos: ella pratica todos os *sports*, a marcha, a equitação, o *yachting*, etc. . .

Um jornal americano calculou que, no decurso de um anno, a pequena presidenta tomou parte em quatrocentos e tres jantares, trescentos e cinquenta grandes bailes e trescentas *soirées dansantes*. Assistiu seiscentos e oitenta *five o'clock tea*, fez mil e setecentas visitas, figurou nos casamentos de uma duzia de suas amigas como *demoiselle d'honneur*. Deu, emfim, trinta

e dois mil apertos de mão aos cidadãos e cidadãs da grande republica.

Essa extraordinaria senhorita acaba de realizar uma viagem através do mundo, excitando a attenção dos diplomatas. No momento dos preliminares da paz entre o Japão e a Russia, ella desembarcava em Tokiô acompanhada pelo ministro da Guerra americano, tendo do mikado o mais encantador acolhimento. Diz-se que ella exerceu junto delle a mais favoravel influencia e que foi graças aos seus cablogrammas animadores que o pae, no momento extremo dos esforços, não perdeu a esperanza de fazer triumphar a paz.

Ella merece, por isso, ser associada á homenagem de reconhecimento que o mundo inteiro presta hoje ao grande pacificador».

\* \*

Dos presidentes dos Estados Unidos do Brazil não se contam anedotas íntimas, nem aventuras de *sport*, nem feitos de energia muscular ou intellectual. São uns melancolicos, enclausurados no palacio do Cattete, embiocados numas sobrecasacas que, nesta terra de absurdas infracções ás imposições do meio, constitúe o traje de rigor, habitual e unico, dos personagens altamente collocados, de todos os que desejam conquistar os fóros de homens serios.

A investidura da presidencia da Republica é um burel que defórma aquellas tristes creaturas com uma feição aspera de solemnidade inteiriça que deve ser o permanente aspecto do seu habito externo. Não fica bem ao presidente sorrir, vestir um terno de primavera, cobrir-se com um chapéo molle. Elle não tem liberdade para se divertir, para gosar as diminutas ou as essenciaes amenidades da vida, como os outros homens. Tudo lhe é vedado por um protocollo convencional meio bobo, meio estúpido, garatujando de imitações destoantes com a lhaneza, a doçura, a espontaneidade do character brasileiro.

E' bem verdade que dessas obrigações formalistas surgiram preconceitos inexoraveis. Si o presidente da Republica ouzasse tomar fresco, respirar as saudaveis brisas marinhas na ponte da Praia do Flamengo, si lhe dêsse na têlha pescar bagres, atirar ao alvo, ou passear como qualquer burguez nas florestas formidaveis do nosso suburbio de montanhas, não faltaria quem, num murmurio de indignação,

o accusasse de não se conduzir com o respeito devido ao cargo, ou quem o fulminasse de presidente *pandego*, que, em vez de estar entregue ao estudo das questões de Estado, perdia o seu precioso tempo, estragava o tempo que não é d'elle, mas pertence á nação que o elegeu, em divertimentos, em occupações de ociosos.

Imagine-se que o presidente da Republica onzasse publicar um livro, ou perpetrar o peccado litterario de publicar um romance: estaria completamente perdido no conceito publico, por se dedicar a essa banalidade da litteratura.

Os nossos presidentes são uns condemnados a quatro annos de reclusão num palacio, cuja atmospheria intoxicada de politicagem lhes estiola todas as energias. São umas creaturas sem liberdade de locomoção, agrilhoadas a deveres estereis, tendo quasi todo o seu tempo consagrado á audiencia dos representantes da politica, a receber a compressão das exigencias dos olygarchas, dos satrapas donatarios dos Estados, dos pretendentes mais ou menos apadrinhados e ao penoso, ao desfibrante trabalho de uma burocracia retardataria, que é um dos stygmias deste grande paiz.

Os nossos homens de governo vivem embaraçados nos tenues fios de formalidades ridiculas a lhes tolherem os movimentos, a lhes asphyxiarem a actividade physica e moral, a lhes embaraçarem o passo para as zonas de ampla luz, de ar puro.

E' indispensavel que se abandonem os moldes dessas praxes rigidas, que venha para a eminencia da representação nacional um iconoclasta que amenise a investidura, abra as janelas do Cattete aos raios de um sol alegre e fecundante, que humanise os nossos presidentes.

As diversões, os prazeres licitos são admiraveis propulsores do trabalho. Roosevelt caça, pesca, amansa poltros e governa, admiravelmente com a mesma robusta mão, o mais complicado paiz do mundo.

CUJAS.

“OS ANNAES”

Vendem-se collecções, ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e segundo semestre de 1905.

## FOLK-LORE DO BRAZIL CENTRAL

«Comquanto os elementos fundamentaes das litteraturas populares sejam os mesmos, cada povo lhes imprime o seu cumho particular».

ADOLPHO COELHO.

Tudo está indicando que o interior do paiz offerece o mais vasto e inexplorado campo aos estudos *folk-loreicos*. E estes avultariam no seu merecimento intrinseco si o investigador fôsse um João Ribeiro — musico, poeta e philologo — qualidades que, reunidas, as não possuiram os que apenas algumas provincias se occuparam do assumpto; e dahi, por certo, o terem-no já em conta de exgotado no Brazil, que, seja repetido de passagem, aliás sem novidade, não é nem pôde ser a nesga de praia littoranea que se estende do Pará ás costas do Albardão. Fazemos acquisições novas, que estas virão destruir muitos erros correntes.

Quem, nas condições alludidas acima, se dêse ao estudo complexo das nossas composições populares, poria naturalmente em fóco os phenomenos todos da linguagem do nosso povo e assim confirmaria as seguintes proposições do auctor da *Selecta Classica*: «Os colonos do Brazil trouxeram no seculo XVI as mesmas qualidades e a mesma linguagem idiomática dos precursôres da epocha classica; muitos dos chamados *brazileirismos* de expressão, e até de prosodia, acham-se em perfeita concordancia com certas peculiaridades dos seculos XIV-e XV; e talvez não haja ousadia em dizer que o exclusivo genero lyrico que predomina ainda na litteratura brazileira é o desenvolvimento natural da antiga poesia dos cancioneiros, transplantado sob o novo céu americano.

.....  
Não será raro ver no corpo das notas que concorrem com os excerptos dos auctores classicos a observação de fórmulas e de syntaxe que, hoje obsoletas ou pouco usadas em Portugal, aqui são no Brazil populares e de uso commum.»

No Brazil central, mui principalmente, ha factos em que se podem fundar aquellas observações justissimas.

Antes de meados do seculo XVII lá penetraram, ao lado dos primeiros *mamelucos*, muitos chamados *reinães*, como aquelles também praças assentadas que fôram nas bandeiras, como soldados aventureiros.

A historia os tem olvidado, mas ninguem poderá apagar, por exemplo, o renome tradicional de um Urbano do Couto, ilhéu e o mais audacioso compauheiro de fadigas que teve o

grande e legendario bandeirante paulista que descobriu e conquistou os bravios sertões de Goyaz e Matto-Grosso — devassando páramos que, para nós, os de outras gerações, se fecharam de todo no interior do Brazil e delles nunca se escutaram mais noticias trazidas posteriormente.

Depois da descoberta e conhecimento do ouro, no interior, vieram da metropole directamente para as *minas* os celebres ourives — discipulos de Gil Vicente, talvez, e do mestre eximio, continuadores nessa arte duplice de medalhar o precioso metal nos mais finos labores da ourivesaria e compor com a velha liga da lingua patria cantares que lembram as *trovas* anteriores ao influxo litterario dos quinhentistas.

Tal feição poetica e linguagem perduram e podem ainda ser estudadas nas suas linhas geraes — lá melhor que em nenhuma parte — pois emquanto noutros, cedo invadidos pelos elementos estrangeiros heterogeneos, se fôram desde logo propagando o culto do latim classico e a disciplina pedantesca dos grammaticos imbuidos da rhetorica de Cicero *et reliqua*, naquelle provençalesco meio, até hoje isolado, devia se encontrar, como de facto, ainda na pureza primitiva, o resto do cabedal linguistico historicamente de formação portugueza, em tempos transplantado. Por outro lado, lá se fóra, dia a dia, o mais rico vocabulario: expressivo, cheio de harmonia e espontaneidade — como todos quantos se fóram exclusivamente por via popular. Para o creação desse vocabulario, que já habilita uma lingua *novi-portugueza*, concorreram, e era natural, também os elementos de procedencias indigenas e africanas, que nas composições populares apparecem em abundancia, juxtapostos á lingua predominante, ou fazem estribilhos, e se accomodam na mesma toada dolente, conservando rythmo, como se vê nestas cantigas, colligidas pelo general Couto de Magalhães, entre as nossas populações mestiças do interior:

Te mandei um passarinho  
*Patuá miré pupé*  
Pintadinho de amarello  
*Yporangá ne iané.*

Vamos dar a despedida  
*Mandú sarará,*  
Como deu o passarinho  
*Mandú sarará*  
Bateu aza foi-se embóra  
*Mandú sarará*  
Deixou pena no ninho,  
*Mandú sarará.*

Num conto indigena, transformação da lenda da onça com o *tapeti*, o nosso coelho, este se vangloria, exclamando:

Truco, *dunga munguná!*  
Matei os filhos da onça  
E a onça não me fez má...

As mesmas asperezas de fórmula, como solecismos e barbarismos que molesta ouvidos delicados, não invalidam a delicadeza e a subjectividade de muita quadrinha, como esta goyana, já hoje popular no Brazil inteiro:

Dizem que a muyé é farça  
E' farça como papé,  
Mas quem vendeu Jesus Christo  
Foi home, não foi muyé...

Era em resposta a este remoque do caipira:

Passei o Paranahyba  
Navegando numa balsa  
Os peccados vêm da saia  
Mas não podem vir da calça.

Das nossas muitas viagens por esses sertões de oeste de S. Paulo, Minas, Goyaz e Matto-Grosso, onde a lyra popular celebra de preferencia o talhe flexivel e as graças todas das morenas de olhos de quebrantos, conservamos de memoria muitas quadrinhas, que infelizmente não podemos trasladar sem os despir do principal encanto delles, que reside no rythmo, nos accents dominantes, sómente traduziveis nos *ponteados* das violas mineiras, magicos instrumentos que irritam e exasperam ouvidos de *snoobs* e *dilettanti* da musica civilisada.

O amor da mulatinha  
E' como o da pomba ferida,  
Sóbe no ar, derrama o sangue,  
Cae no chão, acaba a vida.

Variante:

O amor da mulatinha  
E' como a pomba ferida,  
Que sóbe lá nessas alturas  
E cae no chão sem vida.

\*

Ao passar na ponte,  
A ponte toda tremeu,  
Agua tem veneno, bahiana!  
Quem bebeu morreu.

\*

Beija-flôr subiu á serra  
Para fazer seu testamento  
— Não largue dos amores velhos  
Sem saber do fundamento.

\*

Oh! minha pombinha branca,  
Gavião quer te comer;  
A poder de polvora e chumbo,  
Gavião ha de morrer!

\*

Menina do oratorio,  
Quero ser seu sacristão,  
Para dar a badalada  
A' beira do coração.

\*

Morena, beijo de rosa,  
Claros dentes de marfim,  
No meio do teu resomno  
Dá um suspiro por mim.



Dos cachos do teu cabelo  
Fiz anneis para meu dedo;  
Para te deixar não posso,  
Para te levar tenho medo.

\*

Eu subi na laranjeira  
Para ver si te enxergava,  
Cada folha que caía  
Era um suspiro que eu dava.

\*

Morena, você me mata  
Com essa graça que tem;  
Você fica crimiñosa,  
Eu fico sem você, meu bem.

\*

Morena, minha morena,  
Sobrancelhas de velludo  
Ainda que teu pae é pobre  
Teu corpo merece tudo.

\*

Morena, minha morena,  
Corpo de linha torcida,  
Queira Deus você não seja  
Perdição da minha vida.

\*

Morena, quando me vires,  
Passa com os olhos no chão,  
Ainda que me queiras bem,  
O povo diz que não.

\*

Vinde cá meu botão de ouro,  
Minha semente de prata,  
Vosso riso me alegrou  
Vosso semblante me mata.

\*

Morena, minha morena,  
Cravo da minha almofada,  
O dia que te não vejo  
Não como, não faço nada.

\*

Chora andorinha, chora,  
Chora de madrugada,  
O dia que te não vejo  
Não como, não faço nada.

\*

Entre pedras e pedrinhas  
Nasce o raminho da salsa,  
Pega-te á feia, que é firme,  
Deixes a bonita, que é falsa.

\*

Fui andando pela rua  
Cantando o meu dandão,  
As meninas estão dizendo:  
Elle é feio, é feio, mas é bão!

\*

Morena, minha morena,  
Ainda espero em Deus  
De ver estes teus bracinhos  
Encruzando com os meus.

\*

Da tua bocca farei tinteiro,  
Da tua lingua penna aparada,  
Dos teus dentes lettra miuda,  
Do teu peito carta fechada.

A bonina é flôr da noite  
Não abre sinão á tarde,  
Não ha mal que dure sempre  
Nem bem que se não acabe.

\*

Triste, triste me vejo,  
Triste, sem ter alegria;  
De tão triste eu nem sei  
Si fui alegre algum dia...

Deus, nosso Senhor, me valha si  
tudo isto, que eu chamo flôr deliciosa  
da imaginação do povo — que tem  
tanto direito de ter imaginação como  
o resto — coçar, até á irritação, os  
nervos cidadãos, os nervos civilizados  
de vocês.

HENRIQUE SILVA.

### PAGINAS ESQUECIDAS

#### DUVIDAS

Quanto a illusão!... O céo mostra-se esquivo  
E surdo ao brado do universo inteiro...  
De duvidas crueis prisioneiro,  
Tombo por terra o pensamento altivo.

Dizem que o Christo, o filho de Deus vivo,  
A quem chamam tambem Deus verdadeiro,  
Veio o mundo remir do captivo,  
E eu vejo o mundo ainda tão captivo!

Si os reissão sempre os reis, si o povo ignavo  
Não deixou de provar o duro freio  
Da tyrannia, e da miseria o travo,

Si é sempre o mesmo engodo e falso enleio,  
Si o homem chora e continúa escravo,  
De que foi que Jesus salvar-nos veio?

TOBIAS BARRETO.

\* \* \*

#### MORTE DUM LOBO

Uma noite de novembro caía neve,  
e os aspectos do céo, profundamente  
frio, tinham umas estrellas tremulas,  
lucilantes, e um luar algido, que dava  
ás concavidades nevadas a claridade  
nitida duns lagos de prata fundida.  
O padre vestia polainas de sara-  
goça assertoadas, tamancos ferrados  
e suspensos nas fortes presilhas das  
polainas, jaqueta de pelles e uma ca-  
rapuça alemtejana escarlata, que lhe  
abafava as orelhas. Debaixo da lapella  
da véstia, resguardava a escorva da  
clavina, e caminhava curvado com as  
mãos nas algibeiras e os olhos vigi-  
lantes nas gargantas dos cerros. Uivos  
longinquos de lobo ouviam-se, e pu-  
nham-lhe vibrações na espinha e um  
terror grande naquella immensa corda  
de serras, onde elle, áquella hora, se  
considerava o único ente exposto a  
ser comido pelas feras esfomeadas.  
Pulava-lhe o coração. Ao trepar a um  
outeiro, entaliscado de rochedos que  
pareciam resvalar de encontro a elle,  
ouviu o uivo allí perto, para lá da es-

pinha do cerro. Tirou a clavina do  
sovaco, e livido, com a sensação ex-  
trañia do figado despegado, metteu  
o dedo tremente, automatico, no gati-  
lho. Fez um acto de contricção; pro-  
vava quanto as religiões são impor-  
tantes, urgentes nas crises, nos con-  
flictos serios do homem com o lobo.  
Esperou. A féra assomára na lomba  
do outeiro, recortando-se esbatida no  
horizonte branco com uma negrura  
imovel, sinistra; parecia um bronze,  
um emblema de sepulchro. Ella que-  
dou-se por largo espaço num aspecto  
de admiração, de surpresa. Depois,  
descaiu sobre as patas trazeiras, com  
ares contemplativos, duma pacatez  
fleugmatica. Mediam trinta passos  
entre a féra e o frade. Estava ao al-  
cance da bala o lobo; mas o frade  
caçador, astuto, manhoso, receava  
perder um dos tiros. Poz-lhe a pon-  
taria com um gesto de espalhafato;  
dava gritos como quem açula cães:  
«Bóca! péga! cêrca! Ali vae lobo!»  
Echos respondiam; e a féra, menos  
versada na physica dos seus reflexos,  
olhava crespá, espavorida, para o lado  
em que repercutiam os brados. Er-  
gueu-se e desceu mui de passo com  
uns vagares ironicos, com a cauda de  
rojo e o dorso eriçado, a ladeira da  
collina.

O padre via-a negrejar na linha  
flexinosa do declive. Pensou retro-  
ceder; mas o logarejo de Felicia es-  
tava mais perto que a sua aldeia, e  
para aquelle lado latiam cães dum  
faro que advinha o lobo antes de lhe  
ouvir o uivo, e o fariscam pela inqui-  
etação das rezes nos curraes. Trepon  
afouço ao teso do outeiro: ganhára  
animo; bebera uns tragos d'aguar-  
dente duma cabaça atada com o pol-  
vorinho no correão. Sentiu-se capaz  
de affrontar o rebelde, se elle o não  
respeitasse como rei da criação, se-  
gundo affirmativas de theologos que  
nunca viram lobo. Do topo olhou para  
baixo; não o avistou. Carcavava-se um  
algar emmaranhado de bravio espesso,  
onde se embrenhára. Estugando o  
passo, ganhou uma chã ladeada de  
extensas leiras de feno, alvejantes,  
como um extental de lençóes; e,  
quando olhava para traz receioso, viu  
a alimaria, a grandes passos, com a  
cabeça alta, atravessar a leira da es-  
querda, parecendo querer cortar-lhe  
o passo na extrema do caminho que  
entestava com a aldeia. O padre aga-  
chou-se, coseu-se com o vallo de ur-  
zes e giestas que formavam o tapume  
das terras cultivadas, e muito der-  
reado, arquejando, com o dedo no  
gatilho e a fecharia rente da barba,  
caminhou paralelo com o lobo que o  
farejava de focinho anhelante e as  
orelhas fitas; e assim que a féra pas-  
sou do perfil em frente do tapigo, o  
rei da criação, que o era pelo direito  
do bacamarte, despediu-lhe a primeira

bala com a destra pontaria de quem havia já matado aguias com zagalotes. O lobo, varado pela espadua até ao coração, decaiu sobre um dos quadris, escabujou em roncões frementes, espargindo flocos de neve, ergueu-se ainda inteiriçado numa grande agonia, e morreu.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

\*  
\*\*

#### MONOLOGO DE CATÃO

Consolaste-me, Sócrates—não morre  
Com este corpo o espirito que o anima.  
Já me não prendem duvidas; fuja  
Do vil carcere: a morte só é termo  
Da vida, — da existencia não. . . No intimo  
D'alma o pôz Deus, o sentimento vivo  
Da eternidade. Este viver contínuo  
D'esperanças, este anciar pelo futuro,  
Este horror da aniquillação, e o vago  
Desejo de outra vida mais ditosa,  
O que são?—Indistinctas, mas seguras,  
Reminiscencias de perdida patria,  
E saudades de voltar a ella.  
Ver-te-hei mansão dos justos?—O sepulchro  
Não é jazigo, é estrada.—Convenceste  
A minha alma. Platão, hei de encostar-me  
Tranquillo e repousado no ataúde,  
Como viajante reclinado á pôpa  
Da galé que em bonança váe singrando  
Como brandos ventos para o porto amigo.

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

\*  
\*\*

#### O BANQUETE DE HELIOGABALO

Não sei se ouvistes já o que fez antigamente aquelle imperador Helio-gabalo. Mandou fazer um banquete com tanta magnificencia real, quanta cabia em seu poder. As iguarias sem numero, as baixellas sem preço, a ordem, o serviço, o apparatus, uma só coisa no mundo. Entre os mais primores da festa, eram muito para vêr as mesas e as cadeiras á roda. Porque umas e outras estavam altas, e assentavam sobre tigres, elephantes e leões feitos de vento, ou cheios de vento. Tudo dependurado no ar. Chega a hora do banquete, entram os convidados, sentam-se á mesa, correm os pratos, vão e vem as iguarias. No maior fervor da festa manda o imperador dar furo áquelles animaes, cheios, e inchados do vento. Assim se faz. Vão os ministros calados e dissimulados, uns por uma parte, outros por outra; todos pelo mesmo compasso, todos á uma; dão furo, vazam o vento. Eis que subitamente cáem as mesas, e as ignarias, e as cadeiras, e os convidados; uns por aqui, outros por alli; uns de cima, outros de baixo; uns escalavrados, outros enxovalhados: todos envergonhados. Assim, diz o auctor que isto escreve, zomba o mundo de seus amadores. Iam alevantados no ar, e logo humilhados na

terra; já com banquetes da vida, e logo em principios da morte.

Aqui haveis de parar, deliciosos, nesta emboscada haveis de morrer: não duvideis. Vêde agóra se diz com estes deliciosos aquelle gemido do propheta Amos: «Ai de vós, deliciosos nas casas, nas camas, nas mesas, todos nadando em delicias! Ai de vós!» Porque? Porque todas essas delicias hão de parar em mortes. Agóra banqueteados, e logo degradados; agóra regalados, e logo atormentados. Nisto haveis de parar. «Ai de ti, delicioso, diz S. Bernardo, que no meio de tuas delicias estás esperando, e chamando os tormentos da morte.»

PADRE FRANCISCO DE MENDONÇA.

(1573-1626)

#### POLITICA MUNDIAL

PORQUE FOI RENOVADO O TRATADO  
ANGLO-JAPONEZ?

A divulgação do novo tratado anglo-japonez, com as suas oito clausulas, constituiu a mais cabal resposta ao encontro da *Estrella Polar* com o *Hohenzollern* nas aguas do Baltico; o que a ida da esquadra britannica ao *mare clausum* dos germanicos sublinhára, veio a declaração de 26 de setembro revelar com toda a evidencia.

Parece-nos que a attitude decisiva assumida pelo governo de Eduardo VII vale pela melhor explicação apresentada para a solução da enigmatica e mysteriosa entrevista de Björkøe. E' repudiada a *splendia isolation* pela Inglaterra que desta vez conclue com outra potencia verdadeira alliança offensiva e defensiva, e por um prazo de 10 annos. Si, por força do novo pacto, o Japão adquire effcaz protecção contra a aggressão eventual de outra potencia, não é menos certo que não pequeno se torna o auxilio que virá prestar ao seu alliado, consentindo em servir-lhe de *soldado* nos marcos britannicos do oriente. Mas, por seu lado, annuiu a Inglaterra em deixar cercear aquella liberdade de agir, de que era tão ciosa; renunciou até á politica que se tornára para ella tradicional. Si o fez, porém, certamente lh'o dictou motivo momentoso e imminente.

Do texto do tratado se deprehe claramente que ambas as potencias contractantes buscam consolidar a integridade de seus direitos nas suas possessões territoriaes, nomeadamente na India e na Coréa; além disso, proclamam a inviolabilidade do imperio chinês, resalvados os direitos que ali adquiriram as demais potencias, e, finalmente, como que para tornar bem patente o alcance do ajuste, declaram

que «si uma das potencias contractantes fôr impellida á guerra, para defeza de seus direitos territoriaes, em consequencia de ataque não provocado de uma ou mais potencias, a outra lhe prestará immediatamente mão forte. A paz deverá ser concluida de commun accordo». (art. 2º). Com a tenacidade peculiar á raça anglo-saxonica, prosegue a Grã-Bretanha, sem se deixar perturbar por motivo nenhum, na execução do plano que se impoz: senhora das Indias, preponderante por largos annos na Asia, a guerra do Transvaal veio vibrar golpe fundo no seu prestigio perante os orientaes; seu inimigo secular, o russo, soube aproveitar-se dessa fraqueza momentanea para tornar-se de vez *persona gratissima* em Pekin, crescendo a sua importancia de vulto até que a derribou o japonez, o expoliado de Simonosaki.

Mas ao lado do moscovita, incansavel nessa lucta secular contra os detentores dos mares da Asia do sul, surgiu novo competidor cheio de vida, de pujança e de tal ordem que bem mereceria o epitheto «phenomenal» o processo gigantesco a que obedeceu. A influencia ingleza na Asia, duplamente atacada, precisava reagir para não succumbir. Dahi, a nova alliança para prevenir o perigo do momento. Com a conclusão de tal pacto, julgamos que procura a Inglaterra realisar dois fins: immobilisar os russos e os allemães no Extremo-Oriente e achar-se desempehada de quaesquer peias para, numa dada emergencia, poder agir com a maxima liberdade em qualquer complicação européa.

O Japão, pelo menos já o divulgou certa parte de sua imprensa em termos agri-doces, não ignora os designios allemães a respeito do hinterland do Chang-tung e o modo por que se apoderaram elles dessa parte do territorio chinês, mostrando-se adversarios mais temiveis que o russo. A Grã-Bretanha com certeza já deve ter feito identico raciocinio apreciando os esforços de caracter official e officioso do kaiser para estabelecer solidamente a influencia germanica na Asia-Menor; e tão bem comprehendem o perigo a Inglaterra que, com o proposito de lhes vedar o accesso do Persico, provocou o incidente de Koweit para lhes embargar, de *qualquer modo*, a acção, caso o tentassem, declarando peremptoriamente que não toleraria ingerencia estrangeira no golfo. Mas não se limita a isto o perigo, váe além: si os allemães lograrem ficar de vez na Turquia d'Asia sempre permanecerá o Egypto sob a imminencia de uma invasão teutonica.

Apezar de vencida, ainda não renunciou a Russia aos sonhos de outr'óra, a conferencia de Portsmouth não lhe foi tão desfavoravel como aliás se pensou

em principio, porque si recuou e perdeu, não perden tudo readquirindo vantagens justamente depois de ter soffrido enorme desastre. Como já deixámos dito nestas columnas, houve para ella como que o ganho de uma victoria moral. Não abrirá, pois, mão de seus desiguos na Asia, saberá esperar continuando a trabalhar para a realisação de seu ideal: um porto livre no Pacifico ou no Indico. Dahi, as habeis intrigas que move na Persia para contrabalançar a influencia ingleza ao mesmo tempo que a sua penetração na Mongolia a váe levar a poucos kilometros de Pekiu.

O novo accordo procura acudir a taes projectos e, na verdade, constitúe terrivel barreira para a ambição tentoslava. E' este o seu fim immediato.

Mas a Grã-Bretanha comprehendeu que o perigo não está só no oriente; outro ha, e de maior vulto, no occidente, onde nação militar poderosa quer disputar-lhe o sceptro do mando e a hegemonia commercial do Globo. Outro imperador sonha restaurar o bloqueio da potencia insular por meio de uma colligação continental de que a Allemanha seria a alma. Infelizmente para Guilherme II nem sempre os seus esforços fôram coroados de éxito. O golpe de Tanger falhou junto á França porque, si a Republica não repelliu immediatamente a provocação, felo mais tarde reagindo com delicadeza, firme e energica. Com o czar indeciso e mystico foi mais feliz o kaiser; fallase de um accordo entre os dois imperios, de uma nova Santa Alliança para equilibrar a união das duas potencias insulares e «manter a paz do mundo», na phrase já consagrada.

O anno de 1905, já tão fertil em acontecimentos, talvez ainda nos reserve outros de subida importancia; o problema austro-hungaro ali está, ameaça para a conservação do equilibrio europeu, ao mesmo tempo que a nova conjunção dos Hohenzollern e dos Romano, concorre provavelmente para dissolver a já enfraquecida aliança franco-russa. Será este facto o elemento que vença a hesitação da França em acceitar a aproximação ingleza?

Em todo o caso, o pacto anglo-japonez veio provocar novas combinações politicas: grupos existentes desaparecerão para dar lugar a outros mais resistentes. O que o *Standard* vaticinava talvez ainda se realise: uma quadrupla aliança, a reunião de duas repúblicas e de dois imperios, o maior poder que jámais tenha existido no Globo.

GASTÃO RUCH.

Vendem-se colleções dos „Annaes“, ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e do primeiro semestre de 1905.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*O coração isolado pôde ser mantido em funcção cerca de tres horas depois de retirado do corpo — As experiencias.*

O dr. Deneke, de Hamburgo, relaton uma interessante experiencia feita numa mulher de 48 annos, em plena saúde, guillotizada naquella cidade. A cabeça cortada caiu num sacco com o sangue da carotida; foi immediatamente collida pelos drs. Deneke e Adam, os quaes desfibrinaram cerca de um e meio litro de sangue.

As 8 e 1/2 horas da manhã, o cadaver foi transportado para uma cellula da prisão, onde o despiram e lhe abriram o thorax. O coração palpitava ainda com fracas pulsações; os movimentos das aurículas eram muito regulares, mas percebia-se, apenas, a contracção do ventriculo esquerdo. O coração foi retirado do corpo ás 8 e 15, e a arteria coronaria lavada completamente com uma solução d'agua salgada a 35 grãos centigrados, até o fluido proveniente do delicado musculo ficar inteiramente incolor. Nesse momento, a viscera não dava o menor signal de movimento. Lavada com uma solução especial, uma contracção bem visivel se produziu em todo o orgão. Ás 8 e 32, introduziu-se no coração em logar dessa solução o sangue desfibrinado, filtrado e aquecido. Dese logo uma contracção regular, extraordinariamente forte, de todas as partes do orgão. As palpações continuaram durante muito tempo; introduzindo-se então uma ampola de ar puro na auricula esquerda, e depois no ventriculo do mesmo lado.

Duas horas após a execução, o coração começou a palpitar, em virtude da elevação da temperatura e da pressão empregada para lhe injectar á força o sangue. O affluxo do liquido foi interrompido por meia hora, voltando, então, á viscera, o movimento regular. As contracções diminuíram gradualmente até cessarem ás 11 horas e 3 minutos.

Essa experiencia demonstrou que o coração isolado pôde ser mantido em funcção cerca de tres horas depois de retirado do corpo.

\* \*

*A psiquiatria e a medicina legal — Suas applicações em França e no Brazil — Erros judicarios — impunidade.*

Graças á iniciativa do sr. Drioux, advogado geral na côrte de Orleans, a psiquiatria e a medicina legal terão uma cadeira na Faculdade de Direito de Pariz.

Importa isso um grande passo de progresso. Os magistrados consideravam até agora uma especie de obriga-

ção professional evitarem os estudos de psiquiatria e medicina mental. São lembrados com sensação certos processos, em que aquella sciencia, invocada pela defeza, foi, singularmente, acolhida pelos juizes, recusando com obstinação levar em conta na responsabilidade humana a miseria psychologica, não admittindo as causas moribidas da criminalidade, as quaes fôram objecto do extraordinario trabalho de Lombroso e de seus discipulos.

Alguns magistrados, entretanto, se interessavam por esses estudos e, mais clarividentes que a maioria de seus collegas, não repelliam o exame das questões scientificas como poderoso concurso, como inestimavel subsidio de esclarecimento da justiça. Mas os tribunaes se retraiam, geralmente, á mesma indifferença systematica e, muita vez, hostil á psychologia, á hypnologia e ás investigações dos psiquiatras.

E' provavel que, quando estas sciencias tiverem franco accesso nas escolas, entrarem no programma dos exames, Themis arrancará dos olhos a venda fatidica, transformando-se, de deusa cega, numa divindade illuminada pela verdade, cujo culto simbolizará na mais sublime expressão.

Nas escolas de direito do Brazil, nessas escolas que surgem em todos os Estados, como cogumelos dos residuos fermentados da politicagem e do patronato, infestando o paiz com uma verdadeira praga de bachareis em direito, ha, desde a idade de ouro academica, cadeiras de medicina legal *pro formula*, ensinada em algumas lições banaes, caso que se reproduz nas escolas de medicina, dotadas, aliás, de excellentes professores dessa disciplina.

Nos corpos de delicto esse defeito do ensino, creando uma lacuna lamentavel nos meios de esclarecimento da justiça, se destaca de maneira lamentavel. Ha especialistas de medicina legal que não são capazes de executar uma autopsia *secundum artem*; nellas se notam, não raro, frequentes erros de anatomia e, em geral, mesmo quando são feitas por habeis profissionaes, se resentem dos effectos de accumulo de trabalho, como acontece aqui, no Rio de Janeiro.

Vem a proposito notar graves defeitos do serviço medico legal da capital da Republica, não tanto imputaveis aos seus dignos e capazes funcionarios, quanto á propria organisação destituida de recursos essenciaes para satisfazer os seus fins de inestimavel subsidio da justiça.

A repartição medico-legal está installada no segundo andar do edificio da policia central, um casarão proprio, deformado pelas frequentes adaptações, que tem custado mais dinheiro ao governo do que se gastaria



num magnifico edificio construido especialmente para esse fim.

Para destacar esse defeito de installação basta considerar que as auctoridades policiaes teem de requisitar os corpos de delictos á policia central, sendo por isso, na mór parte dos casos, os feridos remettidos áquella repartição, forçados a subirem dois andares, ou são transportados, em pessimas condições, de grandes distancias para o hospital da Santa Casa. Um ferido gravemente em sitio afastado quasi sempre morre antes de lhe serem ministrados os cuidados profissionaes, ou chega profundamente abalado pelo transporte, circumstancias que influem na determinação da natureza e gravidade das offensas physicas.

Os medicos legaes da policia são pessimamente remunerados e absolutamente insufficientes para o serviço, que não póde ser perfeito, executado por homens extenuados por um constante trabalho difficil, melindroso, de extrema responsabilidade.

Disso resultam os defeitos dos corpos de delicto, a imperfeita classificação das lesões traumaticas e das causas da morte, determinando erros judicarios ou a impunidade que já assumiu, na capital da Republica, ás proporções de um perigo social.

Para os casos em que os subsidios da psychiatria teem de ser invocados, temos o Hospicio Nacional de Alienados, um instituto que honra o nosso desenvolvimento scientifico, uma instituição completa pelos meios modernos, e pelos eminentes profissionaes de que dispõe.

Temos tambem uma installação para o serviço de identidade de criminosos, demandando desenvolvimento consoante com os progressos da sciencia, com as exigencias da criminologia que, desde 1873, aos primeiros ensaios de Lombroso, começou a penetrar as nossas duas famosas escolas de direito, hoje apagadas na confusão dos estabelecimentos congeneres, as fabricas de doutores electricos, disseminadas profusamente por todo o Brazil.

Nós sempre fomos precoces nessas conquistas que são hoje notadas como consideraveis progressos dos povos cultos. O nosso codigo criminal e o do processo honrariam, ainda hoje, a cultura do direito nas nações mais consideradas como conductoras da civilização. O nosso moderno codigo penal já se resente, si bem que de modo imperfeito, sem a coherencia e o systema, adoptados aqui e alli, da influencia do direito contemporaneo, em progressiva marcha conquistadora. Esses honrosos passos de progressos denunciam, todavia, a vacillação de uma tímida marcha, sem evolução bem orientada, sem intuitos decisivos, sem firmes idéaes.

Seria satisfação de um precioso

serviço social uma refórma technica dos nossos meios de policia, como a descentralisação exigida pela dilataçào da nossa immensa cidade, idéa que parece ter impressionado os nossos homens do actual governo e será talvez uma realidade em proximos dias.

Em todo o caso, cumpre registrar que a introducção da psychiatria e da medicina legal nas escolas de direito e a sua intervenção como subsidios da policia judiciaria, são, ha muito tempo, embóra de maneira imperfeita, conquistas da cultura mental e da administração brasileira.



## O ALMIRANTE (51)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XIX

E nesse empenho de se libertar das idéas tristes que lhe assaltavam o espirito, a marquezinha chegou com Marianinha ao largo de S. Francisco, onde o magnifico trem estacou provocando um sussurro de admiração e curiosidade.

Feitas algumas compras nos armazens da «Notre Dame», as duas senhoras se dirigiram rua do Ouvidor abaixo, atravessando, lentamente, por entre a multidão variegada de desoccupados, elegantes opulentos e miseraveis, de militares reunidos em grandes grupos nas esquinas, falando com ardor sobre politica, que era o assunto dominante naquella crise dictatorial, sob o dominio absoluto de um governo surgido, de repente, da revolução, muito exaltados, commentando com volubilidade irreverente a marcha dos negocios publicos, quasi todos revoltados pelas desillusões de idéaes que não tinham e fulminando de ameaças cutilantes a ordem de coisas, de que elles se consideravam creadores e arbitros supremos.

Esses commentarios chegavam aos ouvidos attonitos da marquezinha, como indicios de uma perturbação evidente, auspiciosa para a victoria do seu plano.

No fundo da confeitaria Paschoal, em toruo de uma pequena meza, conversava, á surdina, um grupo de individuos, entre os quaes estavam os dois conspiradores, que haviam, na vespera, visitado a marquezinha de Uberaba. Elles ouviam com extraordinario interesse o homem dos olhos apertados, de pupillas scintillantes aos reflexos dos grandes oculos, contando-lhes coisas extraordinarias, sublinhando as palavras, pronunciadas em catadupas, com gestos ameaçadores, com explosões da voz rouca como um sussurro de trovão longinquo.

Os creados que passavam de semblante alegre por entre as mezas repletas, conduzindo em bandejas, admiravelmente equilibradas, taças de *chileno*, bebida detestavel muito em vóga depois da visita da esquadra do Chile ao Rio de Janeiro, nos dias da proclamação da Republica; os frequentadores habituaes daquelle sitio, onde passavam, diariamente, toda a gente elegante, os vagabundos de ambos os sexos, os que iam espaiar-se a miseria resignada ou impudente, mendigar alguns mil réis, ou um sorriso, um olhar; as senhoras formosas que, a pretexto de compras, perambulavam pela arteria central da cidade, exhibindo vestidos novos, derradeiros primores da phantasia da moda e descansavam alli tomando um sorvete ou uma ligeira refeição de empadinhas de camarões recheiados, de *pudings* e fios d'ovos, toda aquella gente alegre, aparentemente feliz, despreoccupada, não poderia suspeitar daquelle grupo, onde se discutiam os destinos das instituições.

— Não ha duvida amigo — dizia o homem dos oculos, que os outros indicavam pelo nome de doutor Leonel Amador — Não ha duvida. Essa egreja de sargentões está se desmanchando no nascedouro. Não tinha alicerces no coração do povo.

E o doutor batia rijo no largo peito.

— Sim — continuou elle — porque o que não vem daqui, o que não tem raizes n'alma nacional não medra.

— Olhe — attentou outro — eu sempre fui republicano mas não vou á missa com essa gente que está governando com o pessoal de arribação, pessoal de exploradores, de afilhados chamados para a policia para os altos cargos da noite para o dia. Uma sucia...

— Eu por exemplo — interrompeu outro — fui ver si arranjava um emprego digno de quem nunca os aceitára da monarchia para não se incompatibilisar com as suas convicções politicas. Sabem o que me respondeu, o que me respondeu o Aristides Lobo, meu velho companheiro de luctas? Disse-me que os republicanos sinceros não deviam fazer questão de emprego, deviam manifestar o maior desinteresse, que os empregos publicos não eram feitos para recompensarem serviços politicos.

— São feitos para conquistar adhesões, para tapar a bocca dos monarchistas — continuou sempre, no mesmo tom duro e rouco, o dr. Leonel — dos especuladores que teem a consciencia na barriga, homens sem escrupulos que exploram todas as situações. Vejam como estão abusando covardemente da bôa-fé do velho soldado, do bravo marechal doente, fascinado pela inesperada posição, onde o collocaram! Mas, Deus véla pelo Brazil. Não tar-

dará o dia da regeneração, o grande dia da reivindicação nacional, o dia...

O dr. Leonel estacou num espasmo de surpresa: déra com olhos na marquezia de Uberaba, que acabava de occupar um logar junto de uma pequena meza de marmore e parecia enleada por ser o foco da curiosidade de todos os circumstantes. Junto della, numa attitudo reverente, um dos chefes da confeitaria lhe dirigia amabilidades macias de humildade, de admiração pelo prestigio da tão eminente senhora, havia muito afastada daquelles logares de reunião promiscua de todos os elementos da sociedade carioca.

— V ex. — dizia o chefe, com o semblante expandido numa expressão de ternura e os olhos muito grandes e muito redondos lubrificadas de prazer pela honra de ter a marquezia entre os freguezes da casa — V ex. tem passado bem? Temos sempre noticias de v. ex. pelo Castrinho, de quem sempre indagamos da saúde de v. ex. Que deseja lhe sirvamos?

E o homem curvava-se, baixando, quasi á altura dos labios da marquezia, a cabeça riscada por um grande sulco, separando os cabellos em duas almofadas espessas, muito negras, muito lustrosas.

Havia em todos os olhares, lançados de esguelha para a marquezia, uma expressão de curiosidade maliciosa; nelles se reflectiam os pensamentos perversos emittidos em palavras cochichadas, relembrando miseraveis phantasias, os velhos botes da calumnia, cujo veneno augmenta, como o das serpentes, de virulencia, com a idade. Não lhe valera o prolongado retiro num limitado circulo de amigos: á primeira exhibição da sua pessoa deformada pela decadencia, todavia, encantadora com a aureola de soffrimento que substituiria o fascinante nimbo da belleza satanica, com o desmaiado fulgor dos olhos empolgantes, olhos que marcavam como stygmata de ferro candente; á primeira exhibição naquelle sitio, que era como um pelourinho forrado de velludo, se assalhou a inveja transmittida de mães ás filhas, o despeito de contemporaneos jámais resignados aos offuscamentos, aos eclipses provocados pela marquezia quando, da obscuridade do convento, surgira, de repente, num resplendor de apoltheose, no fastigio da sociedade.

Algumas senhoras já idosas, das que tentam, em vão, disfarçar o vestigio das garras do tempo com os cosmeticos, com os artificios subtis da ardilosa dissimulação feminina, fitavam na marquezia olhos de piedade desdenhosa, intimamente satisfeitas dos estragos visiveis naquella formosissima ruina humana, ruina de idolo, sempre cheia de prestigio, inspirando sempre veneração.

— Olha aquella que alli está—murmurava uma matrona ás companheiras de merenda.—E' a marquezia de Uberaba, que em tempos idos deu cartas, foi uma potencia de primeira ordem na politica do Imperio. Teve brados de arma como uma princeza. Contavam della historias horriveis. Quem te viu, que te vê! Coitada! Agóra é aquillo que vocês estão vendo, nem sombra do antigo esplendor. Tudo passa neste mundo.

— Aquella foi castigada pela soberba — murmurava outra — De nada lhe serviu o dinheiro. Está envelhecendo como nós outras, doente, escangalhada.

— Deixe lá — observou uma outra, quarentona faceira — que ainda mostra o que foi. Quem foi rei, sempre é magestade. A marquezia é ainda uma bella mulher, provando que a formosura solida resiste aos annos e adquire com elle certos encantos.

— Como você. Não é?

A quarentona corou num amúo de despeito e retorquiu assanhada de amor de proprio:

— Não é por me gabar: não me troco por certas mocinhas gamenhas, muito enfeitadas, muito cheias de artificios sem coisa alguma de real, desolido: são umas casquinhas frageis que se esbandalham ao menor contacto, ficando velhas aos vinte e cinco annos. Eu, graças a Deus, tudo o que mostro é muito meu.

E requebrando-se, numa attitudo sensual, a pretexto de concertar as dobras do vestido, exhibia as curvas opulentas dos seios e das nadegas macissas.

— Quanto ás más linguas — continuou ella — ninguem escapa, quanto mais bonita fôr nma senhora, tanto maior será o empenho da calumnia em denegrit-a. Si a marquezia fôsse um monstrengo, uma desenxabida vulgar, ninguem se preocuparia com ella: atravessaria a existencia incolume. Eu, por mim, declaro que sómente sei dessa senhora coisas honrosas, muita bondade, excellente coração piedoso e muito espirito, muita intelligencia.

— Basta ser rica — apartou uma rapariga, muito magra e pallida, com o nariz beliscado por um *pince-nez* de ouro, com vidros azulados para lhe desfarçar um olho estrabico — para te agradar. Tu soffres a fascinação do dinheiro alheio.

— Vejam quem fala! Si eu fôsse assim, teria, certamente, acolhido os magnificos partidos que se me tem offerecido. Recusei-os todos porque o meu coração será conquistado pelo amor espontaneo. Ao passo que tu estiveste bem caidinha por um portuguez da rua do Commercio, um negociante de carne secca, sómente por ser possuidor de alguns contos de réis.

(Continúa)

CHAMAMOS a attenção dos nossos leitores para o artigo em que o sr. Camillo Beauclair, na *Revue*, de Pariz, fez um magnifico estudo de psychologia da mulher, o eterno problema dos moralistas e philosophos.

*A mentira feminina* é o assumpto desse curioso trabalho de observador, descortinando as remotas origens daquelle vicio por assim dizer sexual, transmittido por hereditariedade a todos os filhos de Eva, a immortal creadora do peccado original, acto de astucia de que resultaram grandes beneficios para a humanidade, provocando a acção da actividade de Deus e dando além de muitos outros, esse admiravel producto, as religiões, baseadas na primeira falta, na primitiva mentira da nossa mãe commum.

A dissimulação feminina condensada na mentira é a arma, é o encanto da nossa delicosa companheira.

No estudo de Beauclair encontram-se factos, commoções, dissabores, alegrias, o segredo de todo esse complicado mechanismo, que temos suspeitado, sentido, experimentado, sem podermos explicar logicamente.

#### A MENTIRA FEMININA

E' um dos themas essenciaes do romance sentimental. Tres quartos dessa litteratura, de que nos encharcaram até o aborrecimento e o nojo, não existiriam si ás suas heroínas se não attribuisse um gosto innato pela mentira. E' um axioma, um mysterio; não se discute: a mulher nasceu mentirosa e disso resulta admiravel pretexto para milhares de peripecias.

Resta saber si somos, nisso, victima de uma enorme illusão. Em nossa epocha, ha uma pronunciada tendencia para se destruirem illusões; essa merece a pena de ser analysada cuidadosamente; é mesmo tentadora essa analyse.

A mulher, considerada como creatura mentirosa, os caprichos que ella concebe, os artificios de que lança mão, as coleras, as dôres, as desavenças, as vinganças que determina, é o thema do romance sentimental de que seria superfluo evocar, aqui, os exemplos e os auctores: cada um de nós os tem gravados na memoria. Poder-se-ia mesmo affirmar que não occorreria ao espirito de um desses auctores duvida sobre a origem innata da mentira feminina. O — *perfeito como a onda* — de Shakespeare, e o — *mais amargo que a morte* — do Ecclesiastes, são, para não citar outras famosas, as epigraphes mais auctorizadas do seu catecismo e, todavia, a fé nessa origem innata só é forte, como acontece acerca de muitas crenças, pela negligencia geral em lhes examinar seriamente o valor.

#### I

Desejaria prescrutar essa materia delicada e verificar si a mentira é a propria carne da mulher ou um traje em que ella se disfarça. Esse exame seria inspirado por um puro desejo de exa-

ctidão e não para tentar, servindo a causa feminista, uma reabilitação porque não vemos como a verificação desse defeito innato nos conduziria a menosprezar a mulher. O facto, em si mesmo, exclúe toda apreciação moral.

A mentira innata não é mais, para o psychologo, um vicio; é uma simples disposição, uma faculdade, um estado ante o qual o homem tem necessidade de modificar a sua estratégia nas relações intra-sexuales. E si elle admite o phenomeno innato, só a si mesmo deverá attribuir os dissabores resultantes da confiança traída por ter a loucura de exigir segurança e reciprocidade a um ser incompativel com ellas.

A demonstração da ausencia da idéa de sinceridade na mulher, não prejudicaria o seu encanto, nem o desejo que ella suscita, nem a sua missão natural, mas sómente o sentido das relações sociaes e physiologicas entre ella e o homem. Demonstrado que a mentira é innata, ella se deve considerar um caracteristico sem sancção moral e seria tão ingenuo imputal-a á mulher, quanto deplorar a ferocidade do tigre, a passividade do carneiro, a indifferença do gato, o servilismo do cão; ou, em outros termos, o amor, a estima moral equivaleriam não a reconhecer os caracteres proprios de uma creatura e apreciar-os nella, mas em exigir que ella os perca ou os attenué para adquirir outros conformes ao nosso desejo ou, em summa, obrigar-a a mentir para agradar, para se despersonalisar. Compreendendo que esse genero de amor é, geralmente, o que o homem anhela, com uma tranquillidade impudente, egoista; mas, na realidade, o fundo das suas queixas contra a mulher não é tanto a sua mentira innata, quanto a sua recusa em mentir no sentido proferido.

Si, portanto, nos libertarmos, immediatamente, dessa insupportavel questão do bem e do mal, da censura e do louvor, da estima e da vergonha, que a moral imagina misturar com o exame psychologico de todos os actos humanos, si nos subtraírmos á furiosa mania de julgar para, unicamente, examinar a noção da mentira feminina, perceberemos logo que a innatidade dessa mentira é perfeitamente demonstravel e que a verdadeira, a unica mentira é aquella que o romance sentimental perpetrou para se enriquecer, para subsistir, para disfarçar a sua impotencia, confundindo, voluntariamente, um effeito de hereditariedade das condições sociaes da mulher com uma fatalidade eterna e mysteriosa que não existe, uma disposição adquirida e modificavel, com uma perversidade original, feita para crear entre os dois sexos uma inapagavel suspeita.

## II

Seria caso, si estas simples reflexões pretendessem a emphase de uma defeza, de remontar antes do diluvio para descobrir as origens sociaes da mentira feminina e a fonte de sua transformação progressiva em elemento psychologico, na identificação da mulher a um bem movel. Objecto de prazer e de saciamento, procreadora de soldados, de artistas, ou de futuros objectos de prazer e de procreação, escrava dedicada aos mistéres domesticos, essa presa, jámais consultada sobre as suas preferencias, não tem direito a personalidade moral, de especie alguma: despojo, objecto de troca nas mãos do homem, que não a reputaria capaz de uma existencia intellectual, ella apparece votada, por sua fraqueza, pelo encanto que encerra, a uma perpetua servidão de captiva. Em consequencia, as tentativas que ella pndesse ouzar para ser menos desgraçada, para amenisar a sua sorte, para satisfazer, mesmo em segredo, raramente e com risco de vida, as inclinações vagas, as escolhas do coração e dos sentidos, essas tentativas tomam forçosamente, a forma do artificio, forma imposta pela denegação absoluta, brutal, de toda a reivindicção confessada. A hereditariedade da mentira se formou assim lentamente, a par das condições sociaes.

Muito mais tarde, a constituição das religiões, provocando a observação desse stygma passageiro da vontade masculina, distingue subtilmente essa união do amor e da mentira, essas concessões arrancadas á hora do contacto, esses odios surdos da sacrificada, vingando-se no unico minuto em que a aspereza do passado afrouxa, suggerindo-lhe o temor ciumento de lhe ser roubado o seu prazer. Attingindo, simultaneamente, no seu instincto de propriedade e na segurança de sua vibração carnal, chegado, tambem, a um gráu de cultura mais perfeita, o homem exige que o objecto passivo dos seus saciamentos, por sua vez os experimente e por meio delle. Compreende, então, que o secreto consentimento da mulher, ratificado pela emoção sexual partilhada, é inalienavel e sómente pôde depender do sentimento, do desejo, da vontade da sua escrava; desde então, elle concede para obtel-os, soffre por duvidar de os ter adquirido, e o ciúme, no segundo gráu, apparece. A primeira se assegurava pela posse de uma reclusa; a segunda quer uma posse consentida, sómente comprovada pelos juramentos da mulher, que passa a dispôr de uma arma: o duello começa. As religiões observaram essa phase e, em consequencia, atacam, na mulher, o motivo de amesquinhamento da vontade, o principio nocivo do desejo, preconizando a castidade dos fortes.

O drama realisa, com os seculos, grandes progressos nos dominios da moral; não muda, porém, nos dominios sociaes: os Estados se fundam, as concepções se differenciam; o principio de inexistencia social da mulher permanece, universalmente admittido como necessidade axiomática. O ciúme, o desejo, o culto da belleza allucinam o macho, enthusiasmam o amante, o artista, mas sómente a astucia assegura á mulher vantagens que o homem não consente se tornem direitos adquiridos. A astucia é o unico meio de obtenção, meio poderoso, mas clandestino. É pelo seu emprego constante, obrigatorio, no haren, ou no gynecen, a psychologia da mulher se modela e a sua hereditariedade se constróe, tomando o habito de nada pedir ou obter sinão pelos meios indirectos e desviados. Essa creatura encerrada accumula immensas paciencias, queixas, subtilezas, todas as faculdades relativas do captivo intelligente, sem que o homem se preocupe em lhes vigiar o desabrochamento, nem se digue interessar com o que pensa a creatura de prazer, a reproductora de cidadãos, dessa escrava, cuja vigilancia exterior bastá á segurança do possuidor, á sua vaidade de esposo. A psychologia da mulher se constitúe á revelia, á ignorancia do homem e apenas agóra começamos a nos informarmos della logicamente, depois de termos dirigido os nossos estudos para a do homem.

## III

A mulher que é um sêr receptivo por excellencia e, apesar das mais solemnes affirmativas da incompetencia masculina, pouco muda, adoptou um estado de espirito e uma regra moral de que usa ainda hoje e que deveria nos desconcertar, não pela variedade, como supponmos, mas pela extrema simplicidade de mechanismo e pela uniformidade de seus limitados meios de acção, psychologia de que toda a obscuridade aos nossos olhos consiste em depender muito menos do cerebro do que, conforme o adagio, do utero, quando o homem se obstina a elucidar o segredo da mulher com methodos de raciocinio cerebral leguaes aos por elle empregado no estudo do seu proprio sexo e se admira de errar, tanto mais quanto fôr analysta, deante da primeira mocinha, cujo puro instincto atrapalha as mais logicas previsões; psychologia que traz o sello da escravidão e na qual, todos os sentimentos, forçados a tomar uma forma directa, são differentes dos nossos; psychologia de vontades jámais livres, oriunda de longas contensões e na qual, consequentemente, a somma das satisfações obtidas, sendo infinitamente menor que a dos anhelos mallogados, a imaginação, no silencio das



reclusões impotentes, predomina violentamente.

O homem commetteu assim dois erros: conservar uma escrava, não prever que ella poderia pensar. Não imaginando que ella se pudesse jámais tornar livre e por seu consentimento (idéa que o faria rir), não julgou util saber o que ella pensaria, não se informou de um valor do qual, na hypothese da libertação, elle permaneceu, perigosamente, ignorante.

Essa hypothese parecia uma loucura: si ella se tornou, agóra, uma realidade pela evolução dos costumes e do idéal social, veremos que a dôr do homem, ante o enigma feminino, é simplesmente resultado de sua desdenhosa ignorancia primitiva.

A astucia e a imaginação formam, ou deformam, a psychologia da creatura encerrada das antigas epochas, como a de todos os prisioneiros. Como as acquisições da mulher escrava, graças ao jogo habil do desejo e do ciúme, se estendem na vida privada, sem que a amplitude dos seus poderes reconhecidos sigam a uma progressão, ella se resigna astuciosamente, sem ambicionar vantagens sociaes, a se munir de um poder occulto. Foi esse, exactamente, o methodo empregado mais tarde pelos judeus da Edade Média, excluidos da vida publica, e creando o poder do diuheiro, poder occulto, vingador, tão terrível quanto o da carne. Estabeleceram-se, desde então, a dualidade do papel social da mulher: não podendo ser companheira, ella é escrava ou idolo, ou os dois, ao mesmo tempo: um vingando o outro. As religiões permanecem seu inimigo natural: verificando a força occulta, a força desagregadora da omnipotencia masculina, ellas, como pagãs, sómente respeitam a procreadora util, o indispensavel instrumento de continuação. A propria sociedade grega, a que esteve quasi a tornar inutil a mentira feminina pelo liberalismo, pelo culto franco do desejo, pela divinisação do espasmo carnal, recusou á mulher o direito de se dar livremente, a menos que se não declarasse cortezã, e considera a noção da sinceridade inseparavel da noção de fidelidade, idéas diferentes, consideradas, entretanto, pelo interesse masculino como synonymos.

A mulher continúa a ser um bem movel; a doçura dos costumes e as condescendencias, esse principio subentendido e o adulterio, a fórmula de mentira obrigatoria creada pela impossibilidade das escolhas do coração e dos sentidos e sua dissimulada satisfação na mulher possuida, o adulterio, punido, perseguido, se torna a maneira principal da astucia.

#### IV

A intervenção do catholicismo complicou mais a questão e desassociou

elementos cuja reuuião poderia, talvez, tornando a mentira feminina superflua, encetar a modificação da hereditariedade da mulher e extinguir a perfidia adquirida no correr dos seculos. O catholicismo, misturando a doutrina evangelica com o judaismo, creou uma situação irreductivel. Conforme Jesus, o adulterio é perdoado, é aconselhada a livre escolha, a escrava ou o idolo darão logar á companheira, á egual: isto importaria no fim da mentira; mas, segundo o elemento judaico, o Antigo Testamento arruina o Novo: inventa a desconfiança para com a mulher, proclama a innatidade da sua mentira desde o peccado original. A tentadora que se alliou á serpente não se reabilitará sinão como mãe. O casamento é licito, mas a castidade é preferivel; a carne é vil, a mulher é perigosa, é demoniaca. Ella é a fórmula de Satanaz, a mentirosa eterna.

Dest'arte, a depreciação social da mulher, aspirada pelo paganismo em nome da propriedade, é tambem desejada pelo catholicismo em nome da moral, do desprezo terreno, da esperança no céu. A hereditariedade da mentira feminina, inteiramente imputavel ao egoismo primitivo do homem, é definitivamente considerada como innatidade ratificada pelo Genese. Sómente depois de muitos seculos, nos será dado verificar que o Genese não é a historia divina das origens mundiaes, sinão uma das innumeraveis explicações religiosas arranjadas pelo homem depois de muitas outras, em uma epocha em que a hereditariedade forçada da mentira feminina remontava muito longe na noite dos tempos, para ser considerada innata e engendrar o dogma da tentação de Adão pela primeira das mulheres, mentirosa desde a sua criação.

Desde que o erro primitivo foi confirmado, de maneira formidavel, pela fé, ficou decidida a sorte da mulher até á epocha imprevisivel em que as religiões desapareceram, condemnada para sempre a mentir.

A evolução dos costumes não altera a sua posição. Depois da edade-média, na epocha em que o culto cavalheiresco da mulher inspirou os cursos de amor e as mais lyricas effusões ás *damas dos pensamentos*, quando desapareceram os vestigios do grosseiro ciúme dos primeiros feudaes e a galanteria, a idealisação romanesca, primeira fórmula do nosso sentimentalismo, succederam á brutal reclusão das castellãs, a mulher desenvolveu o seu poder secreto, nada tendo conquistado officialmente.

Continuou a escrava ou o idolo, com attenuações, conforme os diversos paizes e sob as homenagens prestadas á dama ou á mãe, persistiu a idéa da mentira innata, do perigo satânico da

tentadora, a idéa da aversão ao amor, que é um peccado tornando preferivel a vida terrestre á redempção, á salvação na outra vida, a idéa da impureza da carne e da infamia da creatura que se offerece, apenas desculpada e purificada pelo matrimonio, pela necessidade de perpetuar a raça. E apparece, então, a idéa da propriedade util, sem direito a uma consciencia.

O concilio em que se discutiu, após muitos seculos, si as mulheres tem alma, fez apenas um mesquinho progresso sobre as hordas primitivas que não haviam, nem de leve, suspeitado essa questão nos seus termos absurdos.

CAMILLO BEAUCLAIR.

### ARMADA NACIONAL

Do nosso erudito collaborador que, nas columnas dos *Annaes*, tem feito a critica brilhante, bem estudada e honesta, da nossa armada, desde a sua fundação, recebemos a seguinte carta:

MEU CARO SR. WALFRIDO — Contrariamente ao que desejava, sou forçado a suspender, por duas ou tres semanas, a remessa dos commentarios sobre o passado da armada nacional, com que venho occupando as columnas graciosamente cedidas na sua notavel revista.

São fortes as razões que nesse sentido actuam, e, embóra não duradouras, me incommodam altamente, obrigando-me a interromper o trabalho no ponto em que termino a analyse da marinha dita «de outr'ora».

Parece assim, de facto, que sou do numero daquelles que, ou para consolo do presente desmantelo naval, ou, para mais accentuar esse desmantelo, se comprazem em crear a lenda da grandeza da nossa armada, no tempo do Imperio, quando justamente para mim não ha distincções que fazer entre a marinha imperial e a republicana. Si os nossos males hoje são maiores, é porque abandonaram o doente ás suas mazellas e a molestia aggravou-se naturalmente, dominando o organismo e levando-o ao miseravel estado de quasi putrefacção a que attingiu no presente, e não porque novos elementos se lhe introduziram ou porque a um novo e radical regimen o sujeitassem.

Mas, contrariando-me ou não, sou forçado a fazer essa pequena parada, que, muito principalmente, é devida ao meu insupportavel estado de saúde. Na consideração, porém, de que a interrupção não irá além de quinze dias, peço que m'a desculpe e que me creia sempre seu amigo. — TONELEIRO.

“OS ANNAES”

Vendem-se collecções, ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro semestre de 1905.

XADREZ

3.º TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Continúa em perfeita ordem e animadissimo o torneio. Inscreven-se por ultimo o dr. José Piza, o que perfaz o numero de 17 concurrentes. A directoria resolveu que houvesse sómente um turno.

Damos em seguida o resumo das partidas jogadas:

Dia 26:	5	partidas
27:	4	
28:	6	"
29:	9	"
30:	7	
1:	8	"
Total	39	

O numero de partidas que se devem jogar, si nenhum dos concurrentes se retirar, será de 136. E si prevalecer a média dos partidas jogadas nestes primeiros seis dias, de 15 a 20 de outubro estará o torneio terminado.

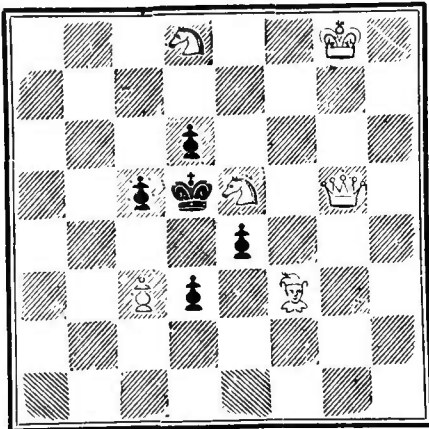
Pelo quadro publicado abaixo não se pôdem fazer previsões sobre a victoria deste ou daquelle concurrente. Quem está muito bem até agora é Heitor Bastos, com 5 pontos limpos, dois dos quaes arrancados a fortes jogadores. Henrique Costa perdeu de José Piza; este empatou com Raul de Castro, que perdeu com Heitor Bastos e empatou com Theophilo Torres. W. B. Hentz perdeu de Quayle, que tem 5 pontos e um zero.

Esperam-se com interesse as partidas entre Costa, Theophilo, Hentz e Piza. A proposito, vem a pello registrar que o dr. Caldas Vianna é de opinião que Th. Torres não pôde perder do Hentz, porque é medico...

PROBLEMA N. 21

Winter Wood

PRETAS (5)



BRANCAS (6)— *Mate em dois lances.*

PARTIDA Nº 21 (a)

(Jogada a 29 de setembro de 1905 no torneio do Club dos Diarios)

ROY LOPEZ

<i>Branças</i>		<i>Pretas</i>
(William B. Hentz)		(Frota Pessoa)
P 4 R — 1 —		P 4 R
C 3 B R — 2 —		C 3 B D
B 5 C D — 3 —		P 3 T
B 4 T — 4 —		C 3 B
Roque — 5 —		P 4 C D (b)
B 3 C — 6 —		P 4 D ? (c)
P x P — 7 —		C x P
D 1 R ! (d) — 8 —		P 3 B (e)
P 4 D — 9 —		D 3 D (f)
P x P — 10 —		P x P
B x C — 11 —		D x B
C 3 B — 12 —		D 3 R (g)
D 4 R ! (h) — 13 —		B 2 R (i)
C 5 D ! — 14 —		D 3 D (j)
C x B — 15 —		R x C
B 5 C x — 16 —		R 2 B
T D 1 D — 17 —		D 3 R

D x C ! — 18 — D x D  
C x P x — 19 — abandonam  
2 horas

(a) Publicamos esta partida como um curioso exemplo de quanto importa para uma derrota no xadrez um lance fraco, commettido por um amador, numa dessas aberturas exploradas como o Ruy Lopez, quando o adversario sabe, como neste caso o soube o dr. Hentz, aproveitar-se do erro. Depois do 6.º lance das Pr., não ha mais salvação possível. O ataque então iniciado pelas Br. é formidavel e irresistivel e apesar da correcta defeza dali por deante sustentada tiveram as Pr. que abandonar no 19.º lance.

(b) Esta variante é usada no 3.º lance, mas de uma ou outra maneira parece inferior, porque enfraquece os piões da D. e leva o B. branco para o ataque.

(c) Depois deste lance a partida das Pr. é indefensavel; o lance correcto seria B 2 R. Comtudo teriam resistido muito mais si se tivessem resignado a perder o pião do R, depois da troca do 7.º lance. O encarniçamento em defendel-o trouxe-lhes a ruina immediata.

(d) Um magnifico lance, que nos parece realmente a melhor continuação. Para T 1 R ou D 2 R, as pretas tinham B 5 C R.

(e) Unico que defende o pião com certa efficacia. Si 8... D 3 D; 9—C x P, C x C; 10—P 4 D, P 3 B R;—11 P 4 B R, etc.

(f) Tambem unico.

(g) O melhor. Si 12... D 3 R; 13—B 4 B R.

(h) Um lance dominador e decisivo.

(i) Qualquer outro lance dá logar á entrada simultanea dos dois cavallos ou a B 4 B.

(j) B 1 D e T 2 T não parecem melhores. Este ultimo dá quasi a mesma variante do texto.

(k) A qualquer outro lance as B jogariam T 1 R.

JOSÉ GETULIO.

RESULTADO ATÉ 1.º DE OUTUBRO DE 1905

Concurrentes	A. de Andrade	A. Pereira	A. Burlamaqui	A. Silva	E. Tito de Sá	Frota Pessoa	G. Cunha	H. Bastos	H. Costa	José Piza	Libanio Lins	Q. Bocayuva	Raul de Castro	R. S. Quayle	Th. Torres	Ouro Preto	W. B. Hentz	N. de pontos
Alvaro de Andrade			1	0	0	0				0				0				1
Aunibal Pereira				1/2		0				0				0		0	0	1 1/2
Armando Burlamaqui	0							0					0			0		0
Augusto Silva	1	1/2				0						0			0			1 1/2
E. Tito de Sá	1							0	0		1		0	0		1/2		2 1/2
Frota Pessoa		1		1											0		0	2
Godofredo Cunha	1							0	0						0			1
Heitor Bastos			1		1	1	1						1	1				5
Henrique Costa					1	1	1			0								2
José Piza	1	1							1				1/2					3 1/2
Libanio Lins					0											0		0
Q. Bocayuva Junior				1	1									0				2
Raul de Castro			1		1			0		1/2					1/2	1		4
R. S. Quayle	1	1						0				1				1	1	5
Theophilo Torres				1		1	1						1/2					3 1/2
Vicente Ouro Preto		1	1		1/2						1		0	0				3 1/2
W. B. Hentz		1				1								0				2